



Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras

***Queer Fear: o lugar da comunidade LGBTI+ na Biblioteca
Municipal de Sintra***

Mestrado em Ciências da Documentação e Informação

INÊS SOFIA CANHOTO NOGUEIRA

Relatório de estágio especialmente elaborado para a obtenção do grau de Mestre,
orientado pelo Prof. Doutor Jorge Revez

2023



Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras

***Queer Fear: o lugar da comunidade LGBTI+ na Biblioteca
Municipal de Sintra***

Mestrado em Ciências da Documentação e Informação

INÊS SOFIA CANHOTO NOGUEIRA

Relatório de estágio especialmente elaborado para a obtenção do grau de Mestre,
orientado pelo Prof. Doutor Jorge Revez

2023

RESUMO

A ligação entre a biblioteca pública e os direitos humanos mostra-se cada vez mais importante, pois a biblioteca pode ser a guardiã de informação crucial e facilitar o seu acesso a várias comunidades minoritárias. A comunidade LGBTI+ é uma destas comunidades, a qual, devido a várias circunstâncias, pode apoiar-se na biblioteca pública para resolver as suas necessidades informacionais, em detrimento do recurso à família, aos amigos e a outros grupos sociais. Neste sentido, a biblioteca pública tem o dever de acolher a comunidade LGBTI+ através de produtos e serviços específicos. Esta investigação parte das necessidades *queer*, procurando compreender a sua articulação com a biblioteca pública e focando a coleção existente na biblioteca e os serviços que esta oferece, o que pode permitir identificar o nível de acolhimento da comunidade LGBTI+. Sendo um estudo inédito em Portugal, a investigação desenvolveu-se como um estudo de caso centrado na Biblioteca Municipal de Sintra. Os dois meses de observação resultaram na averiguação de uma coleção esparsamente adaptada à literatura *queer*, maioritariamente datada, e com serviços que não representam uma consideração especial pela comunidade LGBTI+. Os aspetos positivos encontrados resultam de outras circunstâncias e não de uma estratégia intencional. Em face destes resultados, foi elaborada uma lista de recomendações, com características a melhorar e a indicação de fontes de apoio, que podem incrementar a realidade do acolhimento da comunidade LGBTI+ pelas bibliotecas públicas.

PALAVRAS-CHAVE

Biblioteconomia; Biblioteca Pública; Direitos Humanos; LGBTI+.

ABSTRACT

The link between the public library and human rights is becoming increasingly important, as the library can be the custodian of crucial information and facilitate access to it for various minority communities. The LGBTI+ community is one such community, which, due to various circumstances, can rely on the public library to solve their information needs, rather than resorting to family, friends, and other social groups. In this sense, the public library has a duty to welcome the LGBTI+ community through specific products and services. This research starts from the queer needs, trying to understand their articulation with the public library and focusing on the existing collection in the library and the services it offers, which may allow identifying the level of welcome to the LGBTI+ community. Being an unprecedented study in Portugal, the research was developed as a case study focused on the Sintra Municipal Library. The two months of observation resulted in the finding of a collection sparsely adapted to queer literature, mostly dated, and with services that do not represent a special consideration for the LGBTI+ community. The positive aspects found result from other circumstances and not from an intentional strategy. Considering these results, a list of recommendations was drawn up, with features to improve and the indication of sources of support, which can increase the reality of the reception of the LGBTI+ community by public libraries.

KEYWORDS

Librarianship; Public Library; Human Rights; LGBTI+.

DEDICATÓRIA

The moment of crisis had come, and I must face it. My old fears, my diffidence, my shyness, my hopeless sense of inferiority, must be conquered now and thrust aside. If I failed now, I should fail forever.

- Daphne du Maurier, *Rebecca*

Para a Inês crescida.

AGRADECIMENTOS

O que parecia impossível de se concretizar está feito.

Agradeço ao Professor Jorge Revez pelo seu entusiasmo e apoio neste tema tão importante para mim, e, sim, também para o mundo da Ciência da Informação.

Às maravilhosas mulheres da Biblioteca Municipal de Sintra pelo espaço que me disponibilizaram e por todas as gargalhadas que acabaram em dores de barriga. Foi uma Primavera alegre.

À minha família, que ouviu, vezes sem conta, as minhas queixas sobre discriminação e desigualdade, no carro, a caminho de casa.

À Tasha, fã n.º 1 de tudo o que faço, até dos áudios de 10 minutos em que divaguei sobre o que me apaixonava neste estudo e fiz queixinhas, sabendo que ela entenderia aquilo que lhe era alien.

E por fim, também tenho de agradecer aos meus gatos: o maior conforto da minha vida.

SUMÁRIO

RESUMO	i
PALAVRAS-CHAVE	i
ABSTRACT	iii
KEYWORDS	iii
DEDICATÓRIA	v
AGRADECIMENTOS	vii
LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS	xi
LISTA DE SÍMBOLOS	xiii
INTRODUÇÃO	1
1. Revisão de Literatura	5
1.1. Livros e a Comunidade (LGBTI+).....	5
1.2. Coleções Interseccionais.....	8
1.3 A Biblioteca como Espaço Queer.....	12
1.4 Atendimento à comunidade (LGBTI+).....	14
1.5 Bibliografias <i>Queer</i>	15
1.6 Apoio Informacional.....	17
1.7 Eventos <i>Queer</i> para Todos.....	18
2. Objetivos de Investigação e Abordagem Metodológica	21
3. Análise dos Dados	29
3.1. Contextualização da Biblioteca Municipal de Sintra.....	29
3.1.1. Contextualização como estagiária e observadora.....	30
3.2. A Coleção Inclusiva e a BMS.....	31
3.3. Acolhimento em Serviços da BMS.....	35
4. Discussão dos Resultados	43
4.1. O Futuro da Coleção - Discussão, Recomendações e Fontes de Apoio.....	43
4.2. Futuros Serviços - Discussão, Recomendações e Fontes de Apoio.....	46
CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
APÊNDICES	67
Apêndice 1 – Grelha de observação.....	67
Apêndice 2 – <i>Checklist</i> “Clássicos <i>Queer</i> ”.....	70
Apêndice 3 – Grelha de recomendações.....	73

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS

ALA – *American Library Association*

BLX – Bibliotecas de Lisboa

BMS – Biblioteca Municipal de Sintra

Cis - Cisgénero

DGLAB - Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas

Et al. - E outros

Etc. - E o resto

Het - Heterossexual

IFLA - *International Federation of Library Associations*

ILGA - Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo

LGBTI+ - Lésbica, Gay, Bissexual, Trans, Intersexo e outros que se encontrem fora do binário

RCAAP – Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal

RTT - *American Library Association Rainbow Round Table*

LISTA DE SÍMBOLOS

♀ - Género Binário Feminino

♂ - Género Binário Masculino

⚧ - Género fluído (para quem se identifica como trans ou outra identidade de género)

INTRODUÇÃO

A ideia de que a biblioteca é uma entidade que defende o direito à informação, promovendo um conjunto diversificado de atividades, que visam incrementar o acesso à informação, é um dos aspetos fundamentais da biblioteconomia. Numa era em que os direitos humanos continuam a ser metas a atingir, numa luta contínua, o espaço da biblioteca é crucial. Se existe um lugar onde cada um se pode sentir seguro e tem acesso à informação que necessita, pois daí também nasce segurança e apoio, a biblioteca é esse local ideal (Jaeger e Sarin, 2016). Ou deveria sê-lo, como o é em teoria e nos principais documentos oficiais das instituições especializadas. Veja-se a mais recente versão do Manifesto da IFLA/UNESCO para as bibliotecas públicas, que adicionou a palavra “inclusão” nas suas forças: “força viva para a educação, a cultura, a inclusão e a informação, e como agente essencial para o desenvolvimento sustentável e para a promoção da paz e bem-estar espiritual de todos os indivíduos” (IFLA & UNESCO, 2022).

A comunidade LGBTI+ reconhece-se como sendo uma minoria que tem vindo a lutar pelos seus direitos humanos ao longo das últimas décadas. A verdade é que esta tem feito largos avanços, tanto a nível internacional, como a nível nacional. Em Portugal, em 2010, o casamento entre pessoas do mesmo género foi legalizado. No ano seguinte, em 2011, tornou-se possível alterar o sexo e o nome próprio no registo civil. Poucos anos mais tarde, em 2016, foi legalizada a adoção de crianças por casais do mesmo género.

Portugal encontra-se no topo dos países europeus no que toca à proteção dos direitos humanos da comunidade LGBTI+ (ILGA Portugal, 2019). Ano após ano, Portugal é considerado um dos países mais seguros para as pessoas *queer* visitarem. No entanto, a discriminação continua presente, tornando-se por vezes física, e sendo objeto de ignorância por parte de testemunhas que presenciam esta mesma discriminação (ILGA Portugal, 2019). A comunidade LGBTI+ portuguesa continua assim uma minoria em forma de tratamento (It Gets Better Portugal).

A biblioteconomia sublinha a importância do respeito pela diferença, seja esta *queer* ou não, e isto é expresso em documentos como o *Code of Ethics for Librarians* da IFLA e a *Bill of Rights* da ALA. No entanto, é preciso perceber se esta atitude está presente nas bibliotecas públicas portuguesas e qual a relação destas com a comunidade LGBTI+. É neste contexto que a presente investigação se

insere. No que nasceu apenas de uma curiosidade acerca do que as bibliotecas públicas portuguesas tinham a oferecer ao público LGBTI+, inicialmente em termos de literatura *queer*, rapidamente se encontrou um vazio de informação. A identificação da investigadora com a comunidade LGBTI+ resultou numa preocupação em obter alguma informação nesta área. Assim, explora-se a forma como a avaliação dos produtos e dos serviços disponibilizados por uma biblioteca pública poderá revelar o modo como a comunidade LGBTI+ está presente nas preocupações dos profissionais da informação em Portugal.

Devido à inexistência de investigações similares em Portugal, presume-se que será um estudo inédito. Partiu-se de fontes anglo-americanas - pois a informação necessária não existia em contexto académico português - para se criar o contexto das necessidades informacionais da comunidade LGBTI+ e de que modo é possível responder-lhes. Neste processo, formou-se uma ideia geral do estado da comunidade *queer* nas bibliotecas públicas anglo-americanas, demonstrando-se uma prevalência da discriminação e ainda pouco avanços na adaptação dos produtos e dos serviços disponibilizados. Provavelmente, Portugal e as suas bibliotecas não estarão muito longe desta realidade, mas só com a investigação e o interesse no tema se saberá e se poderá fazer o necessário para mudar a presente situação.

Esta investigação orienta-se pela pergunta de partida: Qual o lugar da comunidade LGBTI+ na biblioteca de Sintra?, e encontra-se dividida em quatro capítulos e os seus vários subcapítulos.

1º Capítulo: A Revisão de Literatura pretende contextualizar o estado das bibliotecas públicas anglo-americanas, nos últimos 17 anos, na receção e acolhimento da comunidade LGBTI+ e as suas necessidades informacionais. Este contexto subdivide-se por 7 áreas diferentes.

2º Capítulo: Os Objetivos de Investigação e Abordagem Metodológica referem a importância do estudo de caso para a investigação e as suas técnicas, explicitando a sua aplicação.

3º Capítulo: A Análise de Dados aborda primeiro a contextualização do estágio e do papel de estagiária, seguindo depois para a exposição da informação recolhida na grelha de observação em relação à coleção e aos serviços da BMS.

4º Capítulo: A Discussão dos Resultados problematiza a informação exposta no capítulo anterior, com referências diretas às fontes científicas da revisão

de literatura, com a junção da grelha de recomendações, redigida para auxiliar a BMS no futuro, sendo esta também baseada nas fontes científicas recolhidas. A discussão e as recomendações subdividem-se por coleção e serviços.

A conclusão sumariza as ideias principais desta investigação, referentes ao estado da coleção e dos serviços da Biblioteca Municipal de Sintra, à luz da realidade apresentada pela revisão de literatura. A conclusão também contém as recomendações, redigidas em forma textual, por pontos, e o que pode nascer no futuro a partir deste estudo.

As referências bibliográficas contêm todos os artigos, livros e capítulos, e *websites* que materializaram a revisão de literatura e ajudaram na compreensão da comunidade LGBTI+ como utilizadora da biblioteca pública.

Ambas as grelhas (de observação e de recomendações) encontram-se, na íntegra, nos Apêndices, a par da *checklist* original da investigação, intitulada de “Clássicos *Queer*”.

1. Revisão de Literatura

Para conhecer de que modo a comunidade LGBTI+ pode ser incluída na dinâmica da biblioteca pública em Portugal, nomeadamente na Biblioteca Municipal de Sintra, foi necessário primeiro compreender de que modo geral uma biblioteca pública reagia à comunidade LGBTI+. Devido à inexistência de fontes científicas portuguesas neste campo, a revisão de literatura que fundamentou toda a investigação, e que essencialmente a guiou, teve de ser limitada a fontes anglo-americanas.

A necessidade de compreender como as coleções e os serviços das bibliotecas públicas se adaptavam à comunidade LGBTI+ foi prioritária mas, antes de mais, perceber a presença de obras literárias para a comunidade *queer* serviu como forma de sublinhar a importância das bibliotecas para servir esta e outras minorias.

1.1. Livros e a Comunidade (LGBTI+)

Ao longo dos anos, a fragilidade da comunidade LGBTI+¹ tem sido continuamente mencionada na literatura científica, incluindo nas áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Os dados referidos nestes estudos mudam consoante o país e os anos, mas a realidade é constante: a comunidade LGBTI+ é mais suscetível à depressão, ao suicídio, ao desemprego e a tornar-se sem-abrigo. Com cada vez mais jovens a identificarem-se como *queer*², estas situações agravam-se, devido à sua dependência nos pais e nos familiares.

A nível mundial, os jovens LGBTI têm 4 vezes mais risco de cometer suicídio e 8 vezes mais se forem rejeitados pelo círculo de pessoas mais próximo (familiares e amigos) e um em cada quatro jovens não heterossexual já tentou o suicídio. (It Gets Better Portugal, disponível em <https://itgetsbetter.pt/sobre-nos/o-projeto>)

¹ A sigla LGBTI+ corresponde às abreviações de lésbica, gay, bissexual, (trans)género, intersexo e todas as identidades que existem fora do binário heterossexual-gay e masculino-feminino. Existem variadas siglas para representar a mesma comunidade, pelo que a preferência por esta se deve à sua utilização pela ILGA Portugal.

² De acordo com o dicionário anglo-americano, *queer* é tudo aquilo que é estranho/anormal, sendo a palavra historicamente utilizada de forma depreciativa para adjetivar aqueles que não se enquadravam na norma sexual e de género. No entanto, desde a década de 80, que a própria comunidade LGBTI+ recuperou o termo *queer* de forma a ser utilizado positivamente. É neste mais recente contexto que *queer* é utilizado nesta investigação, representando tanto as vivências fora de norma da comunidade LGBTI+, uma espécie de sinónimo para a mesma, como representando a rejeição de rótulos de sexualidade/românticos/de género específicos por membros da comunidade.

Cevedo-Polakovich *et al.* (2011), Brendler *et al.* (2017), Hicks e Kerrigan (2020), Keilty (2007), Mehra e Braquet (2006), Robinson (2016) e Vincent (2015) relatam as mesmas tendências. Mas como Mehra e Braquet (2006) e Chapman e Birdi (2008) referem, é de sublinhar que estas realidades duras não têm origem na natureza *queer* destes jovens, mas pela discriminação a que são sujeitos, em todos os aspetos das suas vidas.

Os dados apresentados pelos autores referidos relatam apenas a realidade anglo-americana, pelo que se pode apenas deduzir que seja similar, até certo nível, à realidade europeia e portuguesa. Apesar de ainda não se ter acesso a estes números no contexto em que vivemos, existem, no entanto, outro tipo de dados sobre as vivências *queer* europeias e portuguesas.

A nível europeu, a Agência para os Direitos Fundamentais da União Europeia publicou dois relatórios sobre a discriminação da comunidade LGBTI+, com o primeiro relatório a ser publicado em 2012 (disponível em <https://fra.europa.eu/en/publication/2014/eu-lgbt-survey-european-union-lesbian-gay-bisexual-and-transgender-survey-main>) e o segundo em 2019 (disponível em <https://fra.europa.eu/en/publication/2020/eu-lgbti-survey-results>).

Com dados apresentados em forma escrita e gráfica, a Agência relata o pouco progresso na luta contra a discriminação sobre a comunidade LGBTI+ nos anos que mediarão ambos os relatórios. Na mesma área geográfica, *Rainbow Europe*, um projeto da ILGA Europe, oferece uma visão da proteção dos direitos humanos da comunidade LGBTI+ (ILGA Portugal, 2019), com uma análise anual. Nesta análise, realizada no ano de 2022 (disponível em <https://www.rainbow-europe.org/annual-review>), Portugal encontra-se em 9.º lugar, entre 49 países europeus. Em comparação a anos anteriores, como, por exemplo, a 2019, em que Portugal situava-se em 7.º lugar (ILGA Portugal, 2019), a realidade diária desta comunidade, em 2022, piorou.

Em Portugal, mais especificamente, a ILGA-Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo oferece relatórios sobre a discriminação perpetuada contra a comunidade LGBTI+, desde 2013 até 2019. Em 2019, ocorreram 171 denúncias de discriminação, sendo que “Todas as situações se referem a ocorrências resultantes de preconceito, discriminação e violência em função da orientação sexual, identidade de género, expressão de género ou características sexuais, reais ou presumidas, das vítimas” (ILGA Portugal, 2019, p. 12). Apesar de a maioria destes casos de discriminação proverem de pessoas desconhecidas, uma significativa percentagem

(16,29%) ocorre em contexto familiar, o que fundamenta a fragilidade dos jovens *queer*. Nos casos em que a violência verbal prolifera acima da violência física, são relatadas as consequências psicológicas nas vítimas como sendo substanciais. De maior gravidade, é o número de testemunhas ao ato de discriminação, que ignoram a situação, evitando ajudar ou intervir.

Devido a este estado vulnerável, a presença de literatura de ficção na vida da comunidade LGBTI+ aparece como refúgio e oportunidade para se sentirem inseridos na sociedade. De acordo com Alexander e Miselis (2007, p. 45): “Positive and realistic portrayals of GLBTQ characters in fiction for teens can provide a valuable resource which can help reduce feelings of isolation and despair”. Vários autores mencionam o conforto que é alguém *queer* se rever, em algum sentido, na literatura (Goldthorp, 2007; Alexander e Miselis, 2007; Chapman e Birdi, 2008; Snapp et al., 2015; Hicks e Kerrigan, 2020). A aceitação que não recebem de fora, das escolas, vida familiar, de amigos e da sociedade em geral (Schrader, 2009), pode existir em obras literárias.

Para jovens *queer*, esta representação ajuda na formação da sua personalidade e pode até ajudar a combater qualquer vestígio de homofobia interna que tenham, resultado do ambiente em que cresceram (Alexander e Miselis, 2007; Chapman, 2014).

Todavia, estas obras literárias LGBTI+ ou com diversidade LGBTI+ não ajudam apenas aqueles que se reconhecem nelas, nem sequer são dirigidas unicamente para a comunidade LGBTI+ (Chapman e Birdi, 2008). Sendo os livros disponibilizados para serem lidos por todos, as descrições destas vivências diferentes ajudam a expandir as visões daqueles que se identificam como cis-het (cisgénero-heterossexual)³, ensinando a empatia e a compreensão por aqueles que são diferentes (Chapman, 2014; Birdi e Ford, 2018). Enquanto famílias arco-íris⁴ se revêm nestes livros para as várias faixas etárias, as restantes aprendem a conviver com elas e a respeitá-las (Naidoo, 2015; Widdersheim e McCleary, 2016; Brendler et al., 2017). Esta literatura dita *queer* existe desde o formato de livro infantil até ao livro adulto, pelo que a aprendizagem da diversidade se recomenda que comece desde a tenra idade, tal como Chapman (2014, p. 1) sublinha: “Similarly, picture books featuring LGBT characters serve to validate the lives and

³ Cis-Het remete para todos os que se identificam em termos de identidade de género com o seu sexo biológico (cisgénero) e que se encontram atraídos sexualmente/romanticamente pelo género oposto (heterossexual). Todos aqueles que não se identificam com a comunidade LGBTI+.

⁴ Famílias arco-íris denominam as famílias integradas por um ou dois pais que se identificam como lésbica, gay, bissexual, trans, intersexo, *queer*... com filhos (biológicos ou não).

experiences of children in LGBT-headed families, while also teaching other children about families different from their own”.

1.2. Coleções Interseccionais

A importância da literatura representativa da experiência LGBTI+, explorada anteriormente, não serve de garantia para a sua presença em bibliotecas públicas, por muito que os estudos afirmem a importância destas instituições para a comunidade *queer*:

It is important to note that LGBTQ and gender variant youth are not choosing public libraries because they feel the most comfortable in these spaces; they are forced to patronize public libraries because of a total lack of support from other social groups and services. (Robinson, 2016, p. 163)

O facto é que as bibliotecas públicas do mundo anglo-americano (e por sua vez, muito provavelmente, as portuguesas) ainda mostram resistência em adquirir recursos LGBTI+, apesar de haver indicações por parte de associações internacionais para que não haja discriminação em relação à sexualidade e identidade de género:

The American Library Association stringently and unequivocally maintains that libraries and librarians have an obligation to resist efforts that systematically exclude materials dealing with any subject matter, including sex, gender identity, gender expression, or sexual orientation. (American Library Association, 2020, disponível em <https://www.ala.org/advocacy/intfreedom/librarybill/interpretations/accesslgbt>)

In order to promote inclusion and eradicate discrimination, librarians and other information workers ensure that the right of accessing information is not denied and that equitable services are provided for everyone whatever their age, citizenship, political belief, physical or mental ability, gender identity, heritage, education, income, immigration and asylum-seeking status, marital status, origin, race, religion or sexual orientation. (IFLA Code of Ethics for Librarians and Other Information Workers, 2012, disponível em <https://www.ifla.org/publications/ifla-code-of-ethics-for-librarians-and-other-information-workers-full-version/>)

Esta resistência pode aparecer sob vários argumentos. A justificação mais utilizada, mencionada continuamente em diversos autores, ao longo dos anos, como Alexander e Miselis (2007), Beiriger e Jackson (2007), Schrader (2009) e Robinson (2016), é de que a comunidade LGBTI+ não existe na comunidade em que a biblioteca se insere. Se esta comunidade não existe, também não existem pedidos para recursos e

literatura *queer* na biblioteca, pelo que não há necessidade de os adquirir (Alexander e Miselis, 2007; Chapman, 2014; Robinson, 2016).

A inexistência referida por vários bibliotecários é, no entanto, apenas a invisibilidade da comunidade LGBTI+ (Alexander e Miselis 2007). O medo de se ser identificado como sendo *queer* é ainda prevalente, já que apesar de haver uma maior aceitação da comunidade LGBTI+, a discriminação existe contiguamente, pelo que “Fear of judgment and hostility may overshadow one’s confidence in coming out or even allowing oneself to be seen reading or checking out LGBTQ*-positive materials from the library” (Brendler et al., 2017, p. 5). Assim a comunidade *queer* visita as bibliotecas, mesmo existindo apreensão em “sair do armário” ao procurar os recursos LGBTI+.

Apesar de alguns autores ainda mencionarem a importância das bibliotecas públicas para o público *queer*, como para populações LGBTI+ rurais na América do Norte (Betts-Green, 2020), a resistência em oferecer os recursos LGBTI+ leva a que haja cada vez mais indícios de que esta seja pouco visitada pela comunidade em questão. Beiriger e Jackson (2007) referem a comunidade *trans*, que prefere utilizar livrarias e centros de apoio especializados para adquirirem a informação que necessitam, pois estes possíveis utilizadores não consideram a biblioteca viável. No fundo, esta inacessibilidade equivale a uma forma de discriminação (Goldthorp, 2007; Robinson, 2016).

Se os bibliotecários admitem a existência de utilizadores LGBTI+, por outro lado, sublinham que as coleções existentes são para todos, e não apenas para uma minoria em específico; o foco são obras de qualidade (Goldthorp, 2007). A este argumento, pode-se responder com algo já antes mencionado nesta revisão de literatura: as obras com representação LGBTI+ não são apenas para a comunidade *queer*, mas para todos (Mehra e Braquet, 2006). A sua existência em bibliotecas tem tanta necessidade como outras obras de qualidade que possam existir.

A dita “neutralidade” que se pede aos bibliotecários e que estes tanto desejam respeitar não deve impedir a aquisição de recursos LGBTI+. A resistência a estas aquisições, seja por autocensura ou por medo de repercussões (Alexander e Miselis, 2007; Chapman, 2014; McEachreon, 2016; Brendler et al., 2017), é vista pelos investigadores da área como o oposto da neutralidade de uma biblioteca pública (Keilty, 2007). Enquanto um local aberto para todos, com informação para todos, a biblioteca tem o dever de estar a par com as mudanças sociais, que incluem a igualdade de género

e a orientação sexual (Chapman e Birdi, 2008; Bain, 2022), desta forma, garantindo a disponibilidade de literatura e outros recursos *queer*, para a comunidade LGBTI+ e para todos aqueles que estejam de alguma maneira ligados a esta ou simplesmente com motivação para aprender mais sobre o desconhecido (Keilty, 2007; Schrader, 2009; Chapman, 2014; Mathiesen, 2015; Robinson, 2016).

Por vezes, pode haver o receio de algum “*backlash*” ao incluir literatura *queer*, especialmente para os mais novos, na coleção da biblioteca, como aponta Chapman (2014). Mas um utilizador não pode, nem deve, ditar o que outro lê, da mesma maneira que um bibliotecário não deve conscientemente censurar ao não comprar ou esconder certos livros.

Downey (2016, pp. 5-6) sublinha este aspeto:

If a patron doesn't like a book, she doesn't have to read it. If a young patron's parent doesn't want his child to read a book, he doesn't have to check it out and bring it home – he can just leave it on the shelf with all the others. Choosing what and what not to read is liberty. Choosing what someone else should and should not read is suppression. A parent who participates with his child in the selection of books to read is practicing sound parenting. A parent who attempts to determine what other people's children should and should not read is practicing censorship.

Se não existe uma resistência palpável, por vezes, a passividade existe no seu lugar, possivelmente, a maior força de “neutralidade”. Chapman (2014) remete para o seu estudo que, apesar de em vários casos não haver qualquer resistência em bibliotecas para conter recursos explicitamente LGBTI+, existe um discurso vazio acerca da diversidade e inclusão sem qualquer ação para adquirir e/ou promover estes recursos. McEachreon (2016) remete para Chapman e confirma a mesma situação no Canadá.

As obras de qualidade, que alguns bibliotecários mencionam como sendo a prioridade, são mais um problema que as bibliotecas públicas podem enfrentar, especialmente sendo aquelas de temática *queer*. As bibliotecas que realmente fazem o esforço para adquirir literatura LGBTI+, muitas vezes, vêm-se face a face com a falta de qualidade nos materiais disponíveis pelos habituais fornecedores (McEachreon, 2016). Obras *queer* ditas *mainstream* muitas vezes são de pouca qualidade e com falta de representatividade (Chapman e Birdi, 2016; Brendler et al., 2017). A representação da experiência gay, branca e cisgénero demonstra ser assoladora na literatura (Chapman e Birdi, 2008; Hicks e Kerrigan, 2020). Apesar de ser válida, esta realidade não representa todas as experiências da comunidade LGBTI+, pelo que uma coleção com

obras LGBTI+ de qualidade teria de garantir uma variedade de representações dentro da comunidade, que é sempre interseccional com outras identidades relacionadas com a raça, etnia, classe, cultura, saúde mental e outros aspetos, igualmente definidores de uma identidade (Sandy et al., 2017; Hicks e Kerrigan, 2020). Wong, Figueroa e Cardenas-Dow (2018) apresentam a “roda da diversidade”, que serve como a perfeita expressão de como uma pessoa não é caracterizada apenas por uma característica, mas sim por várias. Uma excelente representação *queer* em literatura garante que não estejamos a passar uma imagem unidimensional.

Beiriger e Jackson (2007) apontam para a existência de mais biografias e histórias com uma mensagem positiva de representantes da comunidade *trans*. Chapman e Birdi (2008) e Naidoo (2015), focados nos mais jovens, sublinham a inserção de livros infantis, que demonstrem a diversidade de situações familiares e livros dedicado aos jovens-adultos (com menos de 18 anos).

A aquisição deste material teria de ser feita por outras fontes (Sandy et al, 2017), e requeria mais alguma preocupação por parte do bibliotecário encarregue das aquisições, sendo que “is not nearly as difficult or time-consuming as we might fear, and it fits well with our overall responsibilities” (Downey, 2013, p. 105).

Com a pouca literatura com representação LGBTI+ existente nas bibliotecas públicas, focada apenas na experiência gay, branca e masculina, e na sua maioria sendo consideradas obras antigas, o que se tende a adquirir destes exemplos são experiências circunscritas e estereótipos negativos, em que muitas vezes as personagens *queer* estão em constante sofrimento, como se essa fosse a única realidade da comunidade (Banks, 2009; Chapman e Birdi, 2016; Robinson, 2016; Brendler et al., 2017). No entanto, a simples existência desta literatura é considerada uma vitória para muitos, de acordo com Birdi e Chapman (2008).

O local onde esta literatura se encontra é frequentemente discutida, com a tendência a colocar livros LGBTI+ em locais obscuros (Robinson, 2016). A necessidade destes recursos existirem em locais acessíveis é óbvia, no entanto, a comunidade científica não consegue encontrar um consenso quanto à forma como tal pode decorrer (Chapman e Birdi, 2008). Por um lado, a literatura LGBTI+ poderia encontrar-se num local à parte, de igual acesso (Goldthorp, 2007). No entanto, isto poderia ser visto como outra forma de ostracização, de acordo com Wexelbaum (2019). Algumas opiniões da comunidade LGBTI+ concordam com esta separação, mas é de sublinhar que estas opiniões vêm de quem se afirma como fazendo parte da comunidade LGBTI+. Nem

todos se encontram “fora do armário” e podem sentir hesitação em serem vistos frente às prateleiras *queer* de uma biblioteca pública (Chapman, 2006; Brendler et al., 2017; Wexelbaum, 2019). Por estas razões, há quem aposte em colocar a literatura *queer* entre o resto da coleção da biblioteca pública, de modo a conduzir o leitor à descoberta (Chapman, 2006; Naidoo, 2013).

Menciona-se, ainda, por vezes, a aplicação de autocolantes nas lombadas de livros ditos LGBTI+, de modo a serem reconhecidos pela comunidade, seja com um arco-íris ou um triângulo cor-de-rosa, e alguns autores encorajam a sua aplicação (Chapman, 2006; Day, 2013; Naidoo, 2013; Cooper, 2014). No entanto, de acordo com a American Library Association Rainbow Round Table, na tradução para português da brochura *ABERTA A TODAS AS PESSOAS: Servir a Comunidade LGBTI na Sua Biblioteca*, este tipo de identificação poderia dissuadir leitores de pegarem nos livros, com medo de “saírem do armário”, tendo assim o mesmo efeito que uma coleção LGBTI+ à parte.

1.3 A Biblioteca como Espaço Queer

Para autores como Mehra e Braquet (2006) e Schrade (2009), mas sendo uma opinião aparentemente transversal aos autores nesta revisão de literatura, a biblioteca pública apresenta-se como um espaço com várias oportunidades de se tornar convidativo e apelativo à comunidade LGBTI+. Reconhecendo-se a hesitação desta minoria em confiar em organizações que respondem aos valores hegemónicos, ou seja, com tendências naturais para exilar o que é *queer* ou fora da norma, na qual a biblioteca pública tende a encaixar-se, seria vital que esta tentasse aliviar o ambiente, de modo a torná-lo verdadeiramente inclusivo. Esta transformação para um espaço confortável para a comunidade LGBTI+ é discutida na literatura de diversas formas.

A comunidade trans do estudo de Beiriger e Jackson (2007) admite preferir frequentar estabelecimentos com casas de banho neutras, o que parece óbvio devido às contínuas histórias sobre a violência verbal e, por vezes, física que pessoas transgéneras sofrem na sua casa de banho (binária) de escolha. Desta forma, “libraries should accommodate this need by providing gender-neutral bathrooms or by including one in future facilities planning” (Beiriger e Jackson, 2007, p. 59). No caso de Drake e Bielefield (2017), os participantes trans do seu estudo apontam para a existência de uma casa de banho neutra, mas com acesso limitado, tendo de ser feito o pedido da chave. O

confronto, por vezes, entre utilizador trans e o bibliotecário encarregue de entregar a chave pode acabar em situações de discriminação (Drake e Bielefield, 2017, p. 165).

Portanto, a existência de uma casa de banho neutra e o seu acesso livre é visto como ideal, apesar de os utilizadores trans terem o direito de entrarem na casa de banho da sua escolha, mesmo que esta seja binária.

Esta neutralidade aplicada a um espaço da biblioteca também poderia ser aplicada à terminologia utilizada pelos bibliotecários, aquando da interação com os leitores e até em formulários da biblioteca, como apontam Drake e Bielefield (2017, pp. 165-166), mais uma vez. No entanto, a possível aplicação de linguagem neutra só poderia ser possível após um período de aprendizagem e treino com entidades reconhecidas na comunidade LGBTI+, como a ILGA no caso português, que tende a criar seminários nesta área de inclusão. O desconhecimento que a comunidade LGBTI+ apresenta para alguns, com a sua linguagem em contínua transformação, remete para alguma hesitação entre profissionais da informação em se dirigirem com confiança a membros da comunidade LGBTI+.

Neste sentido, as parcerias com organizações dentro e fora da Ciência da Informação, que se focam na diversidade e no acolhimento e na prosperidade desta, são cruciais para uma biblioteca pública:

Information professionals have no shortage of community-based and profession-based organizations to reach out to and partner with to improve diversity efforts. Valuable partners and resources may also exist outside of the information profession in organizations supporting allied professions, such as educators, social workers, medical professionals, and government or nonprofit professionals. (Wong, Figueroa e Cardenas-Dow, 2018, p. 60).

Por outro lado, a biblioteca pode publicitar o seu espaço como aberto para seminários e eventos da comunidade LGBTI+, nos quais entidades LGBTI+ podem trabalhar com o público e assim trazer os leitores *queer* “invisíveis” para dentro da esfera da biblioteca pública (Naidoo, 2013), ou onde leitores podem criar clubes de livros *queer*, sem receio. Mehra e Braquet (2006, p. 561) apontam para esta abertura como forma de trabalhar a ignorância que existe em relação à comunidade *queer*.

Na continuação de ações proativas que a biblioteca pode empregar, exibir grupos de obras ditas LGBTI+ ou com representação LGBTI+ (Robinson, 2016; Wexelbaum, 2019), como, por exemplo, os ditos livros recomendados, que tendem a existir nalguma área da biblioteca com bastante volume de visitantes, informa os leitores que se

encontram num espaço onde estão representados na literatura disponibilizada e onde são bem-vindos a explorar essas realidades, quer sejam *queer* ou não. Tal como Robinson (2016) menciona, a popular sugestão de ter uma exibição de obras LGBTI+ durante o mês de junho (*Pride*) resulta no mínimo esforço que se pode esperar de um espaço como a biblioteca pública. O ideal seria manter obras *queer* em exibição durante todo o ano.

Provavelmente, a nível mais superficial, restaria o adorno da bandeira representativa LGBTI+, a bandeira arco-íris, podendo trazer conforto àqueles que visitam a biblioteca pública e se identificam com a comunidade de alguma maneira, pois reconhecem o local como sendo seguro. A nível nacional, o hasteamento da bandeira arco-íris, símbolo da resistência *queer*, tem acontecido principalmente durante dias de celebrações LGBTI+, como por exemplo no Dia Internacional contra a Homofobia, Transfobia e Bifobia (Agência Lusa, 2022). O mesmo se aplicaria à decoração com posters ou autocolantes relacionados com a comunidade *queer* (Day, 2013; Waite, 2013; Brown e Lilton, 2019; Bain, 2022), mas que no contexto português se aceitaria se tal se enquadrasse com o ambiente geral da biblioteca, ou seja, se a exibição de posters fosse comum.

1.4 Atendimento à comunidade (LGBTI+)

Apesar da importância e da vitalidade das bibliotecas públicas para a comunidade LGBTI+, como já antes foi mencionado, o acesso à informação é algo de frágil para estes utilizadores. O atendimento por parte dos bibliotecários, em geral, ainda deixa muito a desejar (Curry, 2005; Goldthorp, 2007; Chapman, 2013; Drake e Bielefield, 2017). A realidade é ainda de discriminação (Curry, 2005; Acevedo-Polakovich et al., 2011; Robinson, 2016), mesmo que seja passiva e silenciosa, e uma clara falta de treino em assuntos LGBTI+, até na forma de mencionar tais assuntos (Drake e Bielefield, 2017).

No estudo de Curry, em 2005, parte dos bibliotecários descritos mostram um claro comportamento discriminatório para com o utilizador *queer* e os seus pedidos *queer*. Bibliotecários de diferentes bibliotecas públicas reagiram, por vezes, com silêncio ou clara surpresa; sendo que chegaram a querer “despachar” o utilizador, comentaram o seu pedido *queer* como sendo estranho e quiseram manter uma maior distância física com o utilizador, após terem conhecimento da natureza do pedido.

Devido a experiências similares, utilizadores *queer* evitam qualquer contacto com os bibliotecários encarregues de os ajudar a encontrar materiais (Waite, 2013; Chapman, 2014), ficando com o trabalho de andarem à procura nas estantes do que lhes pode servir ou até mesmo deixando a biblioteca e ficando dependentes de informações *online*, que nem sempre são de confiança (Beiriger e Jackson, 2007; Waite, 2013; Wexelbaum, 2015; Stevens, 2018). No melhor dos casos, têm acesso ao catálogo *online* da biblioteca pública, que lhes garante alguma privacidade (Stevens, 2018), mas este acesso não facilita totalmente o acesso a recursos especificamente LGBTI+, se não estiverem identificados como tal (Goldthorp, 2007).

É neste ponto que vários autores como Waite (2013), Vincent (2015), Drake e Bielefield (2017) e Stevens (2018) mencionam a necessidade de haver treino das equipas das bibliotecas públicas por parte de especialistas (Wong, Figueroa e Cardenas-Dow, 2018). Este treino passaria pela capacidade de lidar com assuntos LGBTI+ e reconhecer os recursos da sua biblioteca que sejam pertinentes para tais assuntos, mas acima de tudo, a capacidade de deixar de lado crenças pessoais e tratar estes utilizadores com a terminologia correta, com empatia e respeito (Curry, 2005).

Este treino, indicado como tão necessário, no entanto, têm-se mantido ausente no trabalho em bibliotecas públicas, por vezes sendo apenas uma conversa casual entre colegas (Robinson, 2016), e mais alarmante, sendo ignorado dentro do contexto académico do ensino superior (Goldthorp, 2007; Keilty, 2007; Robinson, 2016; Hochman, 2018), chegando a não ser mencionado, dando-se prioridade a outros assuntos.

1.5 Bibliografias *Queer*

Similar às exposições de livros LGBTI+ que a biblioteca pública pode montar, existem as bibliografias com conteúdo unicamente *queer*, que não são apenas para os utilizadores da biblioteca que procuram recursos *queer*, mas também como forma de ajudar os bibliotecários a navegar no mundo literário LGBTI+.

Estas bibliografias *queer* podem referir as obras LGBTI+ existentes na biblioteca pública ou podem ser um guia externo para aquisição de obras por parte da biblioteca pública. Ao contrário do que se pode esperar, estas bibliografias não têm de ser criadas do zero pelo bibliotecário encarregue das aquisições ou qualquer outro

bibliotecário presente. Como Naidoo (2013) sublinha, por vezes, bibliotecários podem-se sentir desconfortáveis em escolher livros LGBTI+ para bibliografias próprias, sendo que não têm o devido conhecimento nesta temática.

Assim, com o objetivo de dar mais visibilidade à literatura LGBTI+, ao longo das últimas décadas do século XX, houve a criação de prémios literários unicamente focados nestas obras. Neste sentido, com a doação de vários prémios, para as diferentes categorias literárias, prémios como *Lambda Literary Awards* (disponível em <https://lambdaliterary.org/awards/>) e *Stonewall Book Awards* (disponível em <https://www.ala.org/rt/rrt/award/stonewall/honored>) criaram as bibliografias, que podem ser utilizadas como referência pelas bibliotecas públicas.

Não só servindo de guias para as bibliotecas, estas listas de livros podem servir como uma forma de aprendizagem para aqueles que não se sentem confortáveis em falar de recursos LGBTI+: “Booklists of LGBT-related fiction for children and young people would help both staff and library users to find the materials and would help to circumvent the problem of interfiled material becoming *lost* among the rest of the stock“ (Chapman, 2013, p. 559) e servem, acima de tudo, como um foco de literatura *queer* que está disponível o ano todo (Robinson, 2016), e não apenas durante dias e meses de celebração dentro da comunidade.

No contexto português, não existem prémios literários unicamente dedicados à literatura *queer*. Todavia, isto não impossibilita a existência de bibliografias *queer*, de livros traduzidos e escritos originalmente em português.

Um exemplo disto é o projeto do núcleo QueerIST do Instituto Superior Técnico, mais em concreto a biblioteca do núcleo, em parceria com a biblioteca de Almada, para a criação de uma bibliografia de obras *queer* reconhecidas, em português, espanhol e inglês, para ser utilizada pelas bibliotecas portuguesas. Esta bibliografia encontra-se acessível para todos através do site da biblioteca (disponível em <https://queerist.tecnico.ulisboa.pt/blog/publicacoes/>) e encontra-se, no momento da escrita, com 160 obras *queer*, em português, inglês e espanhol. As obras identificadas percorrem um vasto limite temporal, desde os ditos “clássicos” até à literatura contemporânea, com diferentes géneros literários e para várias idades.

1.6 Apoio Informacional

Como uma comunidade reconhecida por ter falta de apoio no seio familiar, nas escolas, até nos médicos, e que nos momentos cruciais não têm outra solução senão utilizar a *internet* (Waite, 2013), alguns autores acreditam que cabe à biblioteca pública ser o canal de ligação entre as várias, mas possivelmente pouco conhecidas, organizações dedicadas à comunidade LGBTI+ e aquela (Mehra e Braquet, 2006, Waite, 2013).

Para isto acontecer, a biblioteca pública não necessita de ter especialistas entre os seus bibliotecários para lidar com as várias carências da comunidade *queer*. No entanto, como detentora de informação, a biblioteca tem oportunidade de estar ciente das várias organizações da comunidade onde se insere, reconhecendo a sua importância para aqueles que necessitam de algum apoio (Mehra e Braquet, 2006). Mantendo assim uma simples lista de contactos e de *websites* pertinentes à comunidade LGBTI+, a biblioteca pública pode transformar-se num verdadeiro espaço com informação pertinente para a comunidade *queer* e aqueles que estão ligados a esta de alguma maneira.

Drake e Bielefield (2017, p. 165) mencionam contactos para bibliotecas académicas ou de especialização médica, organizações LGBTI+ que oferecem apoio legal e uma variedade de *websites* com informação factual de confiança, sobre os quais os autores indicaram um número de exemplos americanos. Beiriger e Jackson (2007, p. 57) vão mais longe, sugerindo que a biblioteca pública ofereça uma lista de médicos de confiança para a comunidade trans, que só poderia existir com a colaboração da biblioteca pública com uma biblioteca de medicina. No geral, fala-se de uma lista de contactos que dê apoio a todas as áreas da vida.

No contexto português, a Rede Ex Aequo (disponível em <https://www.rea.pt/apoio/>) contém uma longa lista de contactos pertinentes para a comunidade LGBTI+ num só *website*, contendo outras e variadas informações úteis. A disponibilidade de *websites* como estes, e outros contactos na biblioteca pública, seria apenas um pequeno serviço, que não requer muito esforço por parte dos bibliotecários. A brochura da RTT sobre como servir a comunidade LGBTI+ em bibliotecas públicas, recentemente traduzida em português, contém as várias organizações portuguesas dedicadas a assuntos LGBTI+, sendo algo de fácil acesso no site das BLX.

O acesso fácil a estes contactos, tanto no balcão, como nos computadores da biblioteca pública, implicaria que não houvesse o bloqueio dos *websites* sobre a saúde sexual, o que seria de fácil aplicação por parte das bibliotecas portuguesas, requerendo pouco esforço e tempo por parte dos bibliotecários. A facilidade no acesso a esta informação, no entanto, rege-se pela aceitação e compreensão dos superiores de que isto é realmente crucial, afastando-se de quaisquer preconceitos pré-existentes.

1.7 Eventos *Queer* para Todos

A disponibilidade da biblioteca pública para receber eventos externos da comunidade LGBTI+ já foi anteriormente realçada como proporcionando um espaço convidativo à comunidade, no entanto, a biblioteca deveria também participar por iniciativa própria nestes eventos.

Ao longo do ano, várias datas importantes para a comunidade *queer* são celebradas, não se cingindo ao mês de Junho, *Pride*. A biblioteca poderia incorporar estas datas (ligadas à celebração da diversidade sexual e de género) na lista de eventos anuais, direcionadas para toda a comunidade onde a biblioteca se insere, e não apenas meramente para a comunidade LGBTI+ em si (Mehra e Braquet, 2006; Day, 2013). Apesar de estes eventos servirem para celebrar a comunidade LGBTI+, para de certa forma “abrir os braços” à comunidade, que é habitualmente posta de lado, estes eventos também devem assumir-se como momentos de aprendizagem para quem se reconhece como cis-het e, de modo geral, para que “the city recognize that we exist and develop more resources for us” (Mehra e Braquet, 2006, p. 18).

A brochura *ABERTA A TODAS AS PESSOAS: Servir a Comunidade LGBTI na Sua Biblioteca* (2020) da RRT contém as várias datas celebradas ao longo do ano, incluindo exemplos de atividades que se poderiam programar para estes dias especiais para a comunidade LGBTI+. As datas vão de março a dezembro, com dias a celebrar a comunidade inteira e outros dedicadas a uma faceta específica, sendo que não se esgotam todas as datas importantes *queer* nesta lista. As artes, incluindo filmes e livros, são essenciais para estas celebrações, incorporando os mais jovens para que todas as idades tenham a possibilidade de interagir com a diversidade.

Eventos programados pela biblioteca pública podem e devem também existir fora do calendário LGBTI+, focando-se em exercícios de aprendizagem e de partilha de

informação como os clubes literários, anteriormente mencionados, os *workshops* e aulas de saúde sexual e exposições *queer*, sejam estas peças de arte criadas por artistas *queer* ou sobre a história *queer* da região onde a biblioteca se insere (Mehra e Braquet, 2006).

2. Objetivos de Investigação e Abordagem Metodológica

Na execução deste relatório, pretendeu-se conhecer o lugar da comunidade LGBTI+ na coleção, nos serviços e nos produtos da Biblioteca Municipal de Sintra. Seguindo diversos estudos similares e face a uma estagnação geral na inclusão da diversidade LGBTI+ em bibliotecas públicas anglo-americanas, a importância deste estudo nas bibliotecas públicas portuguesas tornou-se numa questão pertinente. O contexto fornecido pela literatura apresentada e as primeiras informações sobre a inclusão, ou a falta desta, da comunidade LGBTI+ em bibliotecas públicas foi o principal mote desta investigação.

Com o objetivo principal definido - Conhecer o lugar da comunidade LGBTI+ na coleção, nos serviços e nos produtos da Biblioteca Municipal de Sintra -, definiram-se os objetivos específicos, de modo a tentar recolher a informação mais relevante:

- Caracterizar os recursos informacionais LGBTI+ na coleção da BMS, através da comparação de uma lista de recursos LGBTI+ e do catálogo *online*.
- Perceber a visão dos bibliotecários acerca da coleção da BMS e a disponibilidade de recursos LGBTI+.
- Conhecer a experiência dos serviços da BMS relativamente à comunidade LGBTI+.
- Identificar os produtos da BMS e a sua adequação à comunidade LGBTI+.

Escolheu-se o estudo de caso como método aplicado a esta investigação, sendo que a recolha de dados ocorreu presencialmente, na forma de estágio, na Biblioteca Municipal de Sintra, entre os dias 14 de março e 13 de maio de 2022. Uma grelha de observação foi criada a partir da revisão da literatura, mas continuamente sujeita a alterações, através da experiência tida durante o estágio e da leitura permanente de novo material de investigação. Não obstante a maioria da informação registada na grelha de observação resultar da experiência presencial, certas declarações resultaram da interação informal com os profissionais de informação que trabalham na BMS. De modo a dotar de contexto a informação recolhida e registada na grelha e numa forma de comentário ou pró-memória, foram utilizadas notas de campo, recolhidas de forma cronológica, quando foi considerado necessário. Tal como as notas de campo, no sentido de instrumento secundário, a criação (baseada na literatura) e a utilização de uma lista de

livros ou *checklist* foi também necessária, de modo a preencher uma categoria crucial da grelha de observação. Com a utilização destes três instrumentos, embora se possa considerar dois secundários ou de apoio para a utilização de um principal – a grelha de observação -, foi possível recolher os dados relevantes e validá-los.

Perante uma questão essencialmente social, esta investigação reflete uma abordagem qualitativa ou construtivista. Denzin e Lincoln (2028, p. 43) referem que: “Qualitative research consists of set of interpretative material practices that make the world visible”. O objetivo geral deste estudo é “tornar visível” o mundo da comunidade LGBTI+ na biblioteca pública e, se os investigadores qualitativos tendem a estudar objetos no seu ambiente natural, de modo a melhor interpretar a informação (Denzin e Lincoln, 2018, p. 43), um estudo de caso sobre uma realidade específica (da Biblioteca Municipal de Sintra ou BMS) enquanto estágio curricular, pareceu uma situação adequada em termos de terreno investigativo.

A escolha da BMS, e apenas da BMS, deveu-se a constrangimentos de tempo, próprios de um estágio curricular, mas também devido a preferências pessoais da investigadora. Como Schwandt e Gates (2018, p. 600) defendem, “in the simplest sense, a case is an instance, incident, or unit of something and can be anything – a person an organization, an event, a decision, an action, a location like a neighborhood or a nation-stare”.

Realizado durante dois meses, entre 14 de março e 13 de maio de 2022, o estudo de caso teve uma finalidade interpretativa, de modo a compreender a unicidade (Coutinho, 2015, p.335) da BMS e do seu acolhimento à comunidade LGBTI+ e às suas possíveis necessidades informacionais.

O estudo de caso, mesmo com todas as limitações, não deve ser encarado como um fim em si mesmo, mas prosseguindo para futuras investigações: “The case is simply the case. The case portrayal might however, have some utility beyond itself” (Schwandt e Gates, 2018, p. 609).

Neste estudo de caso, numa perspetiva qualitativa, utilizaram-se técnicas de recolha de dados já reconhecidas, como a observação e as notas de campo, e outras técnicas mais adaptadas para este estudo em particular, como é o caso da utilização de uma grelha de observação própria e uma *checklist* de literatura LGBTI+.

Aquando da existência de um estudo de caso assume-se, por norma, que se exerce algum tipo de observação em campo. De acordo com De Walt (2011, p. 5),

existem cinco tipos de observação: “nonparticipation”, “passive participation”, “moderate participation”, “active participation” e “complete participation”.

Em geral, pode-se falar de uma observação participante, quando a investigadora está no local, entre as pessoas, integrada, mas com o estudo a decorrer. No entanto, se seguirmos a proposta de De Walt, a observação participante nesta investigação denomina-se de *moderate participation* porque “this level of observation could include structured observation as well as a very limited participation” (De Walt, 2011, p. 23). A investigadora participava, por vezes, em atividades dentro da biblioteca, mas apenas num sentido de adquirir conhecimento geral acerca do funcionamento da mesma. O verdadeiro trabalho estava em observar, fora das atividades, recolhendo a informação necessária quando esta surgia. Por outras palavras: “Quando o investigador interage com os participantes, mas não é um membro do grupo, diz-se que é um observador participante” (Coutinho, 2015, p. 331).

Apesar de a observação participante não ser exigida para a obtenção da informação desejada, e assim responder à pergunta inicial e a todos os objetivos estabelecidos, através desta técnica, a investigadora teve um acesso único ao ambiente em estudo o que, indubitavelmente, alterou de forma positiva os resultados.

(...) we believe that the practice of participant observation provides several advantages to research. First, it enhances the quality of the data obtained during fieldwork. Second, it enhances the quality of the interpretation of data, whether those data are collected through participant observation or by other methods. Participant observation is thus both a data collection and an analytic tool. Third, it encourages the formulation of new research questions and hypotheses grounded in on-the-scene observation. (De Walt, 2015, p. 10)

Acima de tudo, a perspetiva assumida como observadora participante obrigou a investigadora a manter a sua procura de informação com um espectro amplo, e suscetível a alterações. O acolhimento na BMS e pelas suas pessoas, bem como a contínua indagação científica, permitiu que a investigação se fosse construindo com o tempo, de modo a tornar-se robusta (De Walt, 2011, p. 15).

A recolha de informação a partir da observação foi direcionada para uma grelha de observação (*vide* Apêndice 1), criada *a priori* com categorias delimitadas pela revisão de literatura. Como mencionado, ao longo do estudo de caso, o aparecimento de nova informação significava adicionar novas categorias à grelha ou alterar outras. O instrumento com que se começou o processo acabou mais extenso e mais complexo. A referida grelha e a sua informação entendem-se como “uma ferramenta (...) em que se

específica, para além dos objetivos a alcançar, os critérios que devem ser tidos em conta na análise” (Coutinho, 2015, pp. 106-107). A grelha serviu para que a análise dos resultados fosse mais efetiva, em vez de a investigadora se apoiar unicamente em notas de campo descritivas, que poderiam acabar por ser em grande quantidade, requerendo um enorme processamento de informação, reconhecimento de padrões e criação de sumários ou outras formas de apresentar a informação.

Assim, no início do estudo de caso, ou seja, com o início do estágio na BMS, a grelha foi criada com alguns objetivos a atingir, e com a informação que se desejava recuperar em forma de macro-categorias (Coleção e Serviços). Contudo, durante o estágio, com a nova informação adquirida, própria da imersão da investigadora enquanto observadora participante e com mais leituras feitas, a grelha foi sendo alterada, adicionando-se novas micro-categorias, ou seja, novos objetivos. A informação adquirida foi imediatamente filtrada pelas categorias pré-existentes ou adicionadas recentemente. Deste modo, o tratamento de dados foi feito ao longo do estudo de caso/estágio.

Como mencionado acima, as notas de campo aparecem como uma das técnicas indispensáveis para o estudo de caso e aquando da existência da observação participante, descritas como “the primary method” (De Walt, 2011, p. 157). São assim, por vezes, a maior fonte de apoio de um investigador, na qual cada detalhe do caso se encontra, desde que seja relevante para a investigação. É neste sentido que são reconhecidas como notas de campo descritivas: “geralmente são descrições tão precisas e minuciosas quanto possível (...) do ambiente, da aparência física e do carácter dos participantes, daquilo que dizem e de como atuam” (Coutinho, 2015, p. 332). O máximo de detalhe é esperado e necessário. No entanto, estas notas de campo também podem ser de natureza refletiva e aqui se enquadra o nosso caso, que Coutinho (2015, p. 332) explica como “especulações do investigador, expressões dos seus sentimentos, interpretações, ideias e impressões que vai formando a partir dos dados que observa”.

As notas de campo elaboradas ao longo dos dois meses de estágio serviram como apoio ao preenchimento da grelha de observação. Nestas notas, observações acerca da informação recolhida foram anotadas em formato de comentário, cronologicamente, apesar de não serem diárias. De certa forma, facilitaram o raciocínio, com a escolha do passo seguinte, sempre pontualmente justificado. As notas de campo funcionaram de forma secundária, mas resultaram na importante compreensão do ambiente do caso e no planeamento da investigação em curso, tanto que comentários

registados nesses momentos de reflexão se tornaram indispensáveis para a interpretação e para a verificação dos resultados contidos na grelha de observação.

Por outro lado, na elaboração de uma coleção de biblioteca, os bibliotecários seguem uma variedade de instruções, sendo uma delas a *checklist*, um método antigo, já que “lists of books have existed from the beginning of the history of books and printing” (Lundin, 1989, p.105). Mesmo após a existência de uma coleção, esta também pode ser avaliada pelos mesmos meios que auxiliaram a sua criação. É neste último sentido que uma lista de livros em forma de *checklist* foi utilizada como técnica de investigação e de avaliação da coleção.

Agee (2005, pp. 94) define *checklists* como “bibliographic monographs that include the best and the most current resources in any given subject”. *Checklists* tendem assim ser listas gerais de livros ou outros tipos de recursos informacionais, recomendados por autoridades (como as listas da ALA, das quais Lundin (1989, p. 106) dá os exemplos de *Books for Children* ou *Books for College Libraries*), fazendo destas listas produtos subjetivos. Estas também podem ser listas temáticas, muito mais restritas do que as *checklists* gerais, ainda que a escolha dos recursos informacionais continue a ser subjetiva. Tal como Lundin (1989, p. 107) refere: “A list by its very nature is arbitrary and subjective. (...) the titles omitted from a list may be just as significant as those included.” Pelo que a *checklist* utilizada no âmbito deste estudo, de natureza temática, só retrata “os melhores” da literatura *queer*, e, por isso, é tão subjetiva quanto outras já pré-existentes e com autoridade, devido aos seus criadores.

No entanto, Lundin (1989, p. 108) também sublinha que listas com um propósito específico são mais efetivas na sua utilização, e que é o caso da *checklist* original desta investigação, e de tantas outras. Presente nos estudos de Howard (2005), Goldthorp (2007), Chapman (2013), Naidoo (2013), Chapman e Birdi (2016), Brendler *et al.* (2017), e Goodwin (2018) a utilização de *checklists* ou bibliografias tem sido repetida para se gerar uma ideia de como as bibliotecas públicas integram ou não literatura *queer*. Com referência a estas *checklists* (completamente originais ou baseadas em modelos pré-existentes, de acordo com os seus autores), decidiu-se criar uma bibliografia própria para esta investigação.

Criada pela investigadora, a *checklist* utilizada tem por base duas listas de “Best Gay and Lesbian Novels” da The Publishing Triangle⁵, contendo algumas obras de

⁵ The Publishing Triangle é uma associação, com base em Nova Iorque, dedicada a avançar a edição e publicação de livros LGBTI+, através dos Publishing Triangle Awards. Sendo uma associação, conta com

outras listas de Advocate⁶, Insider⁷, Penguin Random House⁸, Barnes & Noble⁹ e Waterstones¹⁰. Tendo em conta o contexto português e as suas bibliotecas públicas, a *checklist* foi intitulada de Clássicos *Queer* (vide Apêndice 2). É delimitada temporalmente entre o final do século XIX e o início do século XXI, mais concretamente 1886-2002, ou seja, um período de pouco mais de cem anos. Este período literário foi escolhido devido aos avanços da literatura *queer*, em termos de exposição, que fortemente se estabeleceu na segunda metade do século XX.

No entanto, como todos os “clássicos”, é uma *checklist* feita de produtos representativos do seu tempo, a nível social e cultural. Por outras palavras, é uma *checklist* sub-representativa da comunidade LGBTI+, na qual a diversidade de identidade de género, orientação sexual, raça, etnia e outros importantes aspetos é pouca; é carregada de estereótipos negativos; em muitas das suas obras a *queerness* não é explícita, sendo necessário ler por entre as linhas para encontrar a representação LGBTI+; e a própria linguagem, por vez densa e excecionalmente descritiva, não é de fácil leitura ou apelativa. Apesar da sua imperfeição, esta *checklist* serviu como um início para avaliar uma biblioteca portuguesa, que tradicionalmente tem dificuldade em atualizar a sua coleção.

Como anteriormente mencionado, a base de toda esta investigação recaiu em fontes anglo-americanas, com décadas de estudo sobre o estado das suas bibliotecas públicas (e não só) quanto à receção da comunidade LGBTI+ e às suas necessidades informacionais. Assim, após uma pesquisa de sondagem por bases de dados portuguesas, como o RCAAP, toda a revisão de literatura formou-se de literatura científica com origens inglesas e americanas.

A Web of Science, Scopus e Google Scholar tornaram-se indispensáveis, com cada uma a disponibilizar alguma informação e a omitir outra. No entanto, o Google

os membros mais variados: “We are on staff and we’re freelancers. We are editors, agents, and booksellers; we work in sub rights, publicity, sales, design, and production. Many of us are writers. We are also librarians, teachers, booksellers, and even avid readers who don’t work in a publishing-related field”. (Disponível em <https://publishingtriangle.org/>).

⁶ Disponível em <https://www.advocate.com/books/2018/6/15/25-best-lgbt-novels-all-time>.

⁷ Disponível em <https://www.insider.com/important-lgbtq-books-everyone-must-read-2020-4>.

⁸ Disponível em <https://www.penguinrandomhouse.com/the-read-down/the-ultimate-book-list-for-pride-month/>.

⁹ Disponível em https://www.barnesandnoble.com/b/books/lgbt-fiction/classics-of-lgbt-fiction/_/N-29Z8q8Z10m4.

¹⁰ Disponível em <https://www.waterstones.com/campaign/pride>.

Scholar, devido ao seu tamanho e filtragem ampla de literatura científica, devolveu uma grande quantidade de artigos importantes.

Em todas as plataformas, as palavras-chave repetiam-se: “public libraries”, “public libraries” em conjunto com “LGBT” e ocasionalmente “LGBT resources”. No entanto, o maior número de resultados encontrava-se sob a pesquisa de “Gay libraries”, algo problemático devido ao seu foco numa única faceta da comunidade LGBTI+, e “LGBT Library”. O limite temporal aplicado nesta investigação (2005–2022) restringiu a informação encontrada, já que anteriormente, entre a década de 80 e o início do século XXI, existiu a publicação de um grande número de estudos nesta temática. No entanto, o objetivo sempre foi entender em que estado as bibliotecas públicas se encontravam contemporaneamente em relação às necessidades *queer*.

A escolha de artigos científicos, capítulos e livros dedicados á temática *queer* recaiu sobre vários aspetos. Os autores, nas suas investigações, focavam-se nas necessidades LGBTI+, nas coleções e nos serviços das bibliotecas públicas, mas também ofereciam uma janela para necessidades específicas de grupos dentro da comunidade *queer*, e discutiam a realidade diversa da comunidade, que se intersecta com outros aspetos como etnia, cultura, classe social e saúde. É significativa a quantidade de autores que indicaram medidas que podem ser aplicadas nas bibliotecas públicas, o que se revelou muito útil para a finalidade da nossa investigação.

3. Análise dos Dados

Durante os 2 meses de investigação/estágio, todos os dados recolhidos foram introduzidos, diariamente, na grelha de observação, e filtrados pelas categorias que representam a informação crucial a obter. Assim, a análise dos dados passará pela análise da grelha que os estruturou.

Esta grelha encontra-se dividida em 3 elementos, representativos de duas realidades: (1) as categorias (coleção e serviços) referentes à revisão de literatura, ou seja, aquilo que se procurava e que idealmente refletisse uma boa integração das necessidades da comunidade LGBTI+ na BMS; (2) as realidades observadas, ou seja, respostas diretas, que concordam ou discordam, ou encontram-se entre estes dois estados; e (3) as evidências que levaram ao alinhamento/desalinhamento entre a realidade da BMS e a realidade ideal da BMS e as bibliotecas públicas em geral.

É no confronto entre estas duas realidades, em forma de discussão e crítica, que se efetua a análise dos dados.

3.1. Contextualização da Biblioteca Municipal de Sintra

A Biblioteca Municipal de Sintra foi fundada, originalmente, em 1939, pela iniciativa do escritor Francisco Costa, no palácio Valenças, e lá permaneceu até 2003.

Em 2000, num projeto financiado a 50% pelo então Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (atualmente DGLAB), decidiu-se mudar o local da biblioteca para a Casa Mantero e para um novo edifício que seria construído nos três anos seguintes. A apropriação da Casa Mantero incluiu o seu extenso jardim, de modo a proporcionar um espaço extra à biblioteca, onde se poderiam realizar atividades exteriores, como peças de teatro e feiras do livro. A construção do novo edifício, contrastante com a Casa Mantero de dois pisos, resultou na divisão do espaço em quatro pisos. O novo tamanho e espaço da BMS tornou-a numa biblioteca de tipologia mista BM2 e BM3 (de acordo com os parâmetros do Programa de Apoio às Bibliotecas Públicas), que oficialmente abriu ao público a 8 de dezembro de 2003.

Na Casa Mantero, encontram-se o núcleo de espólios (entre os quais se encontra o espólio de Francisco Costa), a coleção Sintriana e a coleção Camiliana. É no novo edifício que grande parte do espaço é utilizado pelos leitores e outros utilizadores, sendo

que o 2.º e 3.º pisos são os espaços definidos como biblioteca, mas separados por secções como: biblioteca infantil, bebéteca, biblioteca juvenil, biblioteca de adultos. A BMS oferece outros espaços especializados como o Espaço Internet, o Sector Multimédia, Núcleo de Braille, Sala do Conto e espaços técnicos, como os Depósitos de Conservação, disponíveis para investigadores.

Devido à dimensão da coleção e ao número de volumes que contém (isto é, no total, 136.788 recursos informacionais de monografias, periódicos e material não-livro), a Biblioteca Municipal de Sintra é considerada a biblioteca “mãe” de um conjunto de 4 bibliotecas em Sintra (Aigualva-Cacém, Tapada das Mercês, Queluz e Rio de Mouro). A sua centralidade e capacidade de gerir coleções levou à sua escolha como local de estágio e como objeto de estudo desta investigação.

3.1.1. Contextualização como estagiária e observadora

Enquanto estagiária da BMS, apesar de estar num papel único de observadora, em que tirava notas, fazia pesquisa independente e observava as atividades do dia-a-dia na biblioteca e no *backoffice*, foi necessário percorrer um processo de aprendizagem da dinâmica da biblioteca e do seu funcionamento.

Neste sentido, fui guiada através de cada serviço, dos seus espaços e funcionamento. Após a visita física inicial a todos os espaços interiores da BMS, fui informada de que poderia ter acesso a estes quando o desejasse e fosse oportuno. O Serviço de Tratamento Documental, tanto quanto o Serviço de Reservados, serviram unicamente como fontes de informação geral, de modo a ter uma perceção real das tarefas executadas pela equipa da biblioteca.

No entanto, o Serviço de Animação e Difusão, o Serviço de Atendimento e Referência (em que a investigadora passou uma manhã a trabalhar) e o Serviço Técnico, mais concretamente, das aquisições, revelaram-se portadores de informação indispensável para a investigação e foram enquadrados na grelha de observação aqui criada e analisada.

3.2. A Coleção Inclusiva e a BMS

A avaliação da coleção da BMS foi a prioridade no início do estudo de caso, possibilitado pelo desenrolar do estágio em 202 horas de contacto presencial. Numa etapa prévia, pesquisou-se o catálogo *online* pelo possível cabeçalho de assunto “LGBT”, não se tendo encontrado qualquer resultado.

Com o estágio a decorrer, utilizaram-se *checklists* já existentes: Rea, Dezanove, os vencedores dos Lambda Literary Awards e os nomeados dos Stonewell Book Awards, para compará-las com os registos do catálogo da biblioteca. No momento, decidiu-se delimitar as *checklists* de prémios literários *queer* internacionais, temporalmente, entre 2000 e 2019, após ter recebido a informação de que a biblioteca não fazia a aquisição de livros há alguns anos, mas sem especificar a data exata.

Esta primeira tentativa de recolha de dados revelou um número reduzido de resultados, o que de forma indireta revelava a falta de aquisições. No entanto, estes números iniciais também poderiam ser indicativos da pouca popularidade dos livros e a sua inexistente tradução para português.

Tendo em conta o contexto genérico das bibliotecas públicas portuguesas, que se enquadram numa cultura com um forte enfoque no apoio à dinâmica escolar e académica, e que privilegia a literatura clássica (os autores consagrados e, de certa forma, canónicos ou incluídos nos *curricula* escolares) e a receção de doações por parte de instituições ou particulares, decidiu-se enveredar por uma abordagem diferente. A *checklist* a usar seria a original, mas sempre com bases noutras fontes, como especificado acima no capítulo da metodologia, e focada no que se pode descrever como a literatura *queer* pioneira ou clássica, remontando, em especial, ao século XX.

A *checklist* final (Apêndice 2) compreende um total de 123 obras clássicas literárias *queer*, inseridas temporalmente entre 1886 e 2003, com maior enfoque no século XX. Como lista de livros *queer*, esta *checklist* é, na sua essência, representativa da comunidade LGBTI+, no entanto, devido ao contexto histórico-social em que estes livros foram publicados, é sub-representativa da mesma comunidade. As obras escolhidas focam-se, sobretudo, na experiência gay e lésbica, cisgénero, branca, havendo apenas algumas exceções de representação bissexual e de pessoas de cor (POC)¹¹. A representação de identidade de género fluida é menor, sendo quase nula.

¹¹ POC é a abreviação utilizada no mundo anglo-americano para “person/people of color”, de modo a representar quem não é branco, mas sem especificar raça/etnia.

Alguma desta representação não é explícita e, ao longo dos anos, tem sido interpretada “por entre as linhas” pelos leitores. No entanto, esta “invisibilidade” não dita a *queerness*, ou melhor dizendo, a falta de *queerness* destes livros. A crítica literária e o mundo da publicação de livros designaram-nos como *queer*, ao ponto de hoje continuarem a ser discutidos e lidos ou relidos.

No seu contexto inicial, estas obras foram designadas como pioneiras pela comunidade *queer*, e com o nascer da segunda metade do século XX, o número de obras aumentou em publicação *mainstream*, em conjunto com a cimentação da comunidade que representavam como merecedora de melhor tratamento social e legal.

Por estes motivos, a lista de livros tanto pode ser considerada imperfeita sob a visão contemporânea de diversidade, como pode ser de extrema importância a nível histórico.

Tabela 1: Grelha de observação (excerto)

1.1 Diversidade de recursos informacionais LGBTI+ no catálogo <i>online</i> da BMS.	1.1 a) Pequeno número de recursos informacionais, de possível caracterização LGBTI+, disponíveis.	1.1 a) Comparando o catálogo <i>online</i> da BMS com uma lista de obras ficcionais clássicas (1886-2003), de entre 123 obras reconhecidas, a BMS contém 37, em formato de livro tradicional, com 73 exemplares, com 9 destes indisponíveis. Tanto quanto é possível saber, estes exemplares encontram-se entre a restante coleção da BMS.
---	---	--

Fonte: Elaboração própria.

A comparação da *checklist* com o catálogo *online* da BMS confirmou a existência de 37 obras, com um total de 73 exemplares, sendo que nove destes se encontravam indisponíveis ou “perdidos”.

The Picture of Dorian Gray (1890), de Oscar Wilde, revelou-se a obra com mais exemplares na biblioteca de Sintra: 11 exemplares, 5 destes indisponíveis, e 2 em inglês, na língua de escrita original. Possivelmente, de entre todas as obras incluídas na pesquisa, *The Picture of Dorian Gray* é a obra *queer* mais reconhecida.

Consequentemente, as restantes obras que se destacam pelo seu número de exemplares, numa única biblioteca pública, não chegam à casa dos dois dígitos. *Mrs. Dalloway* (1965) de Virginia Woolf, *The Hours* (1998) de Michael Cunningham, *Other*

Voices, Other Rooms (1948) de Truman Capote e *The Memories of Hadrian* (1951) de Marguerite Yourcenar têm 4 exemplares.

A seguir apenas se destacam: *Death in Venice* (1912) de Thomas Mann, *To the friend who did not save my life* (1909) de Hervé Guibert, *Interview with the Vampire* (1976) de Anne Rice, *Women in Love* (1920) de D. H. Lawrence, e *Young Törless* (1906) de Robert Musil, todos com 3 exemplares.

O número de obras reconhecidamente *queer* e clássicas, numa biblioteca pública, é manifestamente reduzido, se entendermos que uma biblioteca pública tem o dever de conter maior diversidade literária. Os motivos que conduziram a estes números baixos prendem-se com o histórico de que obras literárias *queer* nem sempre foram consideradas *bestsellers* e merecedoras de uma atenção *mainstream*, o que pode ter influenciado a sua difusão e tradução para a língua portuguesa. Em última análise, uma biblioteca pública portuguesa prioriza literatura em português.

Se a avaliação da coleção existente era importante, também se tornou óbvio que a política de aquisições da biblioteca era um elemento merecedor de acompanhamento. Será que o número reduzido de obras clássicas *queer* presentes na coleção coincidia com uma política de aquisições que evita a diversidade?

Neste aspeto, em vez de interagir com um possível documento de política de aquisições, a investigadora acompanhou o processo de aquisição, que se realizava pela primeira vez desde 2018.

Tabela 2: Grelha de observação (excerto)

1.2 Política de aquisições com referências a recursos LGBTI+.	1.2 a) As aquisições baseiam-se em livros <i>bestsellers</i> atuais e recomendações / pedidos dos leitores.	1.2 a) Na observação da lista de livros a serem comprados, ao se reconhecer vários títulos e autores famosos atuais (especialmente em redes sociais focadas em livros), é possível deduzir que a aquisição de títulos LGBTI+ populares (desde que traduzidos para português) não seria problemático. No entanto, é necessário que a pessoa encarregue de tais aquisições procure incluir, especificamente, estes livros.
---	---	--

Fonte: Elaboração própria.

O que dita as aquisições da biblioteca não se baseia numa política explícita, ou pelo menos não foi detetada qualquer menção nesse sentido. A seleção visa obras que são consideradas *bestsellers*, atualmente, e a recomendação dos utilizadores. Para o público, existe um documento que o leitor pode preencher para fazer um pedido para adquirir uma obra específica, e que na próxima aquisição é inserida na lista de livros a comprar.

A Biblioteca Municipal de Sintra tinha um orçamento de cerca de 5000 euros para as novas aquisições do ano 2022, traduzindo-se em cerca de 300 livros. A lista continha literatura ficcional, não-ficcional e técnica, sendo que a literatura ficcional tinha prioridade. No entanto, sendo a BMS a biblioteca “mãe” de vários polos, estes 300 livros estavam destinados a serem distribuídos por quatro bibliotecas diferentes, sendo que cada obra só podia ter um exemplar devido ao baixo orçamento.

Na análise da lista que foi disponibilizada, não foi encontrado qualquer livro *queer*. No entanto, esta análise foi de natureza superficial e apenas baseada no conhecimento da investigadora de obras *queer* populares. Não existe certeza absoluta na inexistência de qualquer obra *queer* neste processo de aquisição. Tendo em conta que as aquisições de baseiam em *bestsellers*, especialmente os recém traduzidos para português, a possibilidade de adquirir obras com representação LGBTI+ é fácil. Devido às tendências atuais de se traduzirem obras famosas, divulgadas em redes sociais como o *TikTok*, os livros *queer* parecem existir em grande número nas livrarias portuguesas, o que há alguns anos não era comum¹². A diversidade de obras literárias tem vindo a expandir-se rapidamente nos últimos anos, o que pode facilitar a aquisição de obras com representação LGBTI+ por parte das bibliotecas públicas.

Por outro lado, se as aquisições também se baseiam em pedidos por parte dos leitores, a análise evidenciou que, provavelmente, os leitores não perspetivam a necessidade de aquisição deste tipo de literatura ou podem não se sentir confortáveis a pedir livros LGBTI+.

¹² Um exemplo disto é a *Fnac* do Chiado, em Lisboa, que contém uma secção, com alguma dimensão, de obras literárias traduzidas, com vários exemplos de livros *queer*. No entanto, esta mesma loja alterou parte da sua configuração física para conter mais obras literárias ficcionais na língua inglesa, as quais devido à rede social, *TikTok*, se tornaram tendência. A leitura de livros *queer* acontece tanto na tradução portuguesa, como na sua língua original, que é, tendencialmente, o inglês.

3.3. Acolhimento em Serviços da BMS

A avaliação dos serviços da Biblioteca Municipal de Sintra revelou-se uma tarefa mais extensa do que a análise da coleção, devido tanto à contínua investigação de fontes da literatura científica (que modificava a grelha de observação, ao adicionarem-se novas características a procurar), como ao conhecimento das diferentes áreas da biblioteca por parte da investigadora.

É impossível negar que a manifestação de apoio à comunidade LGBTI+, em espaços públicos, ainda se concretiza, na maioria das vezes, na existência das cores do arco-íris num objeto ou múltiplos objetos. Em conjunto com o arco-íris, *catchphrases* como “*love is love*” tendem a passar uma mensagem de aceitação para a diversidade de género e de orientação sexual. Em espaços públicos, no mundo anglo-americano, estas ocorrências são comuns, até dentro de uma biblioteca pública (Bain, 2022).

Apesar de ser apenas um ato performativo que demonstra apoio, estes posters ou mensagens de aceitação, não só transmitem uma mensagem de que a biblioteca pública é um lugar seguro, como também servem como uma maneira de educar todos os utilizadores da biblioteca (Bain, 2022, p.4).

Tabela 3: Grelha de Observação (excerto)

2.1 Ambiente convidativo para a comunidade LGBTI+.	2.1.1 Decoração inclusiva.	2.1.1 a) Decoração neutra na sala de leitura.	2.1.1 a) A sala de leitura encontra-se sem qualquer tipo de posters ou outras decorações com mensagens, para qualquer tipo de leitor, independentemente da comunidade a que pertencem.
--	----------------------------	---	--

Fonte: Elaboração própria.

No caso da BMS, a sala de leitura principal, a dos adultos, é um ambiente neutro, sem decorações nas paredes, até porque estas se encontram ocupadas com estantes de livros ou vidros. Esta neutralidade pode ter a intenção de transmitir um tom de sobriedade, calmo, facilitador da concentração - algo que tende a ser prevalente em salas de aulas em Portugal. Neste contexto, a adição de posters ou quaisquer decorações, LGBTI+ ou não, poderia ser vista como fonte de distração. Comparativamente, esta

cultura de sobriedade para encorajar a concentração é contrastante com a cultura anglo-americana de estímulos através de vários formatos, como o tipo de luz, as cores das paredes e as decorações criadas por alunos (Allen e Hessick, 2011).

O conforto da comunidade LGBTI+ vai além da presença de mensagens de aceitação, que se podem definir, por vezes, como sendo passivas. Para se ser verdadeiramente inclusivo, é essencial o entendimento da existência de identidades de género diversas, fluidas ou em transição. Neste sentido, as casas de banho neutras podem ser uma forma de demonstrar respeito pelos utilizadores não-binários e trans. Uma possível adaptação é a mudança da sinalética, sem que seja necessário criar uma casa de banho unicamente neutra. A simples adição de um novo símbolo (♿), representante da fluidez do género, ao lado dos habituais feminino (♀) e masculino (♂) poderia resolver parte do problema, sem deixar que mulheres cis e homens cis partilhassem o mesmo espaço. Apesar de haver possíveis adaptações, o tema das casas de banho neutras é controverso e difícil de ser concretizado na prática.

Tabela 4: Grelha de observação (excerto)

2.1 Ambiente convidativo para a comunidade LGBTI+.	2.1.2 Casas de banho neutras.	2.1.2 a) Casas de banho binárias.	2.1.2 a) As casas de banho são identificadas como sendo femininas ou masculinas, e utilizam sinalética hegemónica.
--	-------------------------------	-----------------------------------	--

Fonte: Elaboração própria.

Na BMS, como nos restantes espaços públicos portugueses, as casas de banho dividem-se pelo género binário (feminino/masculino) e utilizam uma sinalética hegemónica, ou seja, que não deixa espaço para fluidez de género. No momento crucial, um utilizador que não se encontra no binário teria de fazer uma escolha difícil, sobre qual casa de banho utilizar, o que pode levar a um sentimento de discriminação, psicologicamente difícil de suportar.

Na continuação da neutralidade muitas vezes desejada pelos utilizadores LGBTI+, a terminologia também poderia ser neutra. Num espaço como a biblioteca pública, isto pode ser observado no caso do cartão de leitor. A escolha do nome e a indicação do género pelo próprio seria o ideal, sem ter de assumir uma referência ao documento de identificação. O utilizador pode estar num momento frágil de transição

em que o seu documento de identificação contém informação presentemente errada, como o seu *deadname*¹³ e o sexo biológico.

Tabela 5: Grelha de observação (excerto)

2.1 Ambiente convidativo para a comunidade LGBTI+.	2.1.3 Utilização de terminologia neutra.	2.1.3 a) Utilização de terminologia binária e hegemónica.	2.1.3 a) Criação do cartão de leitor: géneros femininos ou masculino, apenas. Não existe a opção de inserir/escrever o género.
--	--	---	--

Fonte: Elaboração própria.

Quando se efetua o cartão de leitor na BMS, é necessário apresentar o cartão de cidadão. São os dados ali incluídos que ficam registados no cartão de leitor. Isto traduz-se na identificação única do género feminino ou masculino, deixando de parte qualquer mudança que esteja a decorrer ou uma fluidez de género existente.

O facto de a língua portuguesa seguir regras ditadas pelo binário feminino/masculino dificulta a adoção de regras neutras, o que dificulta a acomodação destas pessoas trans e não-binárias. No entanto, apesar de ser difícil, não significa que seja impossível. Apenas pode levar mais algum tempo a ser adotado.

Num nível mais fácil de características a adotar para melhorar o ambiente da biblioteca pública, existem as exposições de livros LGBTI+. Estas continuam a requerer a atenção dos bibliotecários para a possível existência de membros da comunidade LGBT+ nos seus utilizadores ou familiares/amigos que desejem aprender mais sobre esta temática. Facilmente se poderia criar uma exposição de livros LGBTI+, bastante comum nas bibliotecas anglo-americanas durante o mês de junho, o *Pride*.

Tabela 6: Grelha de observação (excerto)

2.1 Ambiente convidativo para a comunidade LGBTI+.	2.1.4 Exposições de livros LGBTI+.	2.1.4 a) Sem existência de exposições de livros LGBTI+.	2.1.4 a) No momento de observação havia apenas duas exposições de livros: Recomendados e Leituras às Escuras.
--	------------------------------------	---	---

¹³ *Deadname* é o nome original, de nascimento, que uma pessoa trans ou não-binária já não pretende utilizar e que pode causar desconforto emocional, que ao ser utilizado por outros nega a nova e verdadeira identidade da pessoa.

			Parece improvável que alguma vez tenha existido uma exibição de livros LGBTI+.
--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria.

No período em que decorreu o estágio, havia duas exposições presentes na sala de leitura da BMS: Recomendados, que se encontram em todos os polos de Sintra, e que está patente no balcão de atendimento; e Leituras às Escuras, que se encontrava à entrada da sala de leitura, perto da porta para a sala infantojuvenil. Esta última exposição continha livros embrulhados e com apenas uma pequena descrição do que a obra trata, de modo a induzir o leitor à descoberta.

Apesar de não haver qualquer exposição unicamente *queer*, as exposições existentes poderiam conter obras *queer*, mas isto não se evidenciou. Tendo em conta a escassa presença de obras LGBTI+ na coleção, parece duvidoso que alguma vez tenha existido uma exposição *queer*.

No processo de aprendizagem por parte da investigadora relativamente ao Serviço de Animação e Difusão, o planeamento de eventos foi uma prioridade. A biblioteca está aberta a propostas de atividades que extravasam a rotina da biblioteca, que têm de ser devidamente justificadas quanto à sua realização e aceites por todas as chefias, até ao Presidente da Câmara, com meses de antecedência.

Tabela 7: Grelha de observação (excerto)

2.1 Ambiente convidativo para a comunidade LGBTI+.	2.1.5 Espaço aberto a seminários/eventos LGBTI+.	2.1.5 a) Espaço aberto a seminários/eventos LGBTI+.	2.1.5 a) Desde que o evento se encaixe no ambiente da biblioteca (por exemplo: clube de livros LGBTI+), o evento realizar-se, tendo de ser aceite por todas as chefias.
--	--	---	---

Fonte: Elaboração própria.

Neste contexto, a BMS está aberta como espaço para acolher seminários ou outros eventos com temática LGBTI+ como iniciativa exterior. Na sua justificação, este seminário ou evento teria de se encaixar no ambiente da biblioteca, ou seja, um

ambiente de aprendizagem, conhecimento e cultura. Seminários sobre saúde sexual ou qualquer outro aspeto de vida *queer*, clubes de livros com temática *queer* e apresentações de livros LGBTI+ portugueses são alguns possíveis eventos a decorrer no futuro.

Durante o estágio, a investigadora teve oportunidade de analisar o plano de eventos da BMS para o ano de 2022. Este plano contém tanto os eventos de iniciativa própria, ou seja, originários da equipa da biblioteca, e também os eventos propostos por entidades ou pessoas exteriores.

Tabela 8: Grelha de observação (excerto)

2.2 Eventos LGBTI+.	2.2 a) Sem ocorrências.	2.2 a) No plano de eventos da BMS para 2022 não existe nenhum evento da biblioteca ou externo relacionado com a comunidade LGBTI+ e as suas temáticas, nem mesmo no mês de junho, o <i>Pride</i> .
---------------------	-------------------------	--

Fonte: Elaboração própria.

Na análise do plano, no entanto, não se evidenciou qualquer evento LGBTI+, nem mesmo no mês de junho, que é conhecido por celebrar o *Pride* e os seus muitos desfiles e animações. Ou seja, apesar da biblioteca teoricamente estar disponível para acolher este tipo de eventos, não foram detetados eventos deste cariz, ou por falta de propostas exteriores ou pela iniciativa da própria biblioteca.

Tabela 9: Grelha de observação (excerto)

2.3 Projetos com associações LGBTI+.	2.3 a) Sem ocorrências.	2.3 a) Estes projetos seriam representados no plano de eventos da BMS, e como não existem eventos LGBTI+ no plano de 2022, é de se assumir que não existam quaisquer projetos com estas importantes associações.
--------------------------------------	-------------------------	--

Fonte: Elaboração própria.

Possíveis projetos, que se traduzissem em eventos da BMS, com associações LGBTI+ da zona de Lisboa, são inexistentes, ou estes estariam no plano de eventos de 2022. Este tipo de cooperação poderia abrir o espaço da biblioteca à diversidade e

encarregar-se-ia que a biblioteca e os seus funcionários incrementassem um processo de aprendizagem direto com a comunidade LGBTI+.

Noutro momento, enquanto a investigadora passava uma manhã no balcão de atendimento, surgiu o momento perfeito para uma conversa informal com os funcionários da biblioteca sobre pedidos por parte dos utilizadores acerca de recursos LGBTI+.

Com base em estudos anglo-americanos e apesar da tradição da biblioteca pública em apoiar o acesso a qualquer tipo de informação, alguns bibliotecários mantêm comportamentos hostis (homofóbicos, transfóbicos, etc.) para com os leitores que pedem recursos informacionais de natureza “diferente”, ou que normalmente entram em confronto com as crenças pessoais destes mesmos bibliotecários. Estas atitudes continuam a ser tão prevalentes que induzem o silêncio por parte dos leitores, ou seja, deixam de interagir com os bibliotecários, mesmo que precisem de ajuda.

Tabela 10: Grelha de Observação (excerto)

2.4 Atendimento personalizado em recursos LGBTI+.	2.4 a) Disponível, mas sem ocorrências até ao momento de investigação.	2.4 a) Bibliotecários em atendimento ao público sentem-se confortáveis em responder a inquéritos sobre recursos LGBTI+, apesar de não ter havido nenhum pedido nesta temática. Pensa-se que os leitores preferem procurar estes recursos por si próprios, do que ir ao balcão.
---	---	--

Fonte: Elaboração própria.

Com esta realidade em mente, decidiu-se questionar sobre possíveis perguntas acerca de livros *queer* ou outro material *queer*, se já tinham ocorrido e que tipo de reação se poderia esperar pelos bibliotecários presentes. Sem exceção, sublinhou-se que o papel do bibliotecário era ajudar no que fosse possível, pelo que não haveria qualquer problema com tais pedidos de ajuda. O bibliotecário não poderia criticar ou julgar. No entanto, até ao momento não havia memória de haver algum pedido do género. Rapidamente, começou-se a falar da normalidade de tal acontecer, já que o estigma continua presente na sociedade portuguesa e há sempre o medo de se ser discriminado.

Apesar do conforto dos bibliotecários para lidar com pedidos LGBTI+, existe um desconhecimento do que a comunidade LGBTI+ necessita em termos de informação (já que também havia dúvidas acerca do que LGBTI+ significava).

Tabela 11: Grelha de Observação (excerto)

2.5 Disponibilidade de informação útil à comunidade LGBTI+.	2.5 a) Inexistente.	2.5 a) Não aplicável.
---	---------------------	-----------------------

Fonte: Elaboração própria.

No balcão de atendimento, existe, por exemplo, uma lista de locais para os quais o público pode doar livros, já que a BMS não aceita mais doações no momento, de forma que os bibliotecários a prestar serviço no balcão tenham a informação à mão, sempre que necessário. No mesmo formato, também poderia haver uma lista de associações e *sites* relevantes para ajudar qualquer utilizador LGBTI+ que precisasse de apoio social, médico, psicológico, etc.

Uma lista de livros ou bibliografias LGBTI+ existentes dentro da coleção da BMS seria outra forma de ajudar a comunidade LGBTI+, evitando que os leitores com receios de discriminação ou mais tímidos tivessem de interagir com os bibliotecários de referência.

Tabela 12: Grelha de observação (excerto)

2.6 Listas de livros/Bibliografias LGBTI+.	2.6 a) Inexistente.	2.6 a) Não aplicável.
--	---------------------	-----------------------

Fonte: Elaboração própria.

Como anteriormente mencionado, a equipa da biblioteca não tinha noção de quais as obras existentes na coleção que poderiam ser consideradas *queer*, pelo que a existência de tal lista de livros seria impossível, no momento.

Para assegurar uma total transparência da investigação, todos estes dados, apreendidos ao longo dos dois meses de estágio, foram apresentados à orientadora do estágio, para que houvesse transmissão de conhecimento e validação das informações recolhidas. Em última análise, foi nossa intenção proporcionar formas de melhorar os

produtos e os serviços da BMS. Com o mesmo intuito, também se criou uma grelha de recomendações (Apêndice 3) e de fontes de apoio para ajudar a concretizar as novas ideias apresentadas, material que vai ser discutido no próximo capítulo da discussão dos resultados.

4. Discussão dos Resultados

4.1. O Futuro da Coleção - Discussão, Recomendações e Fontes de Apoio

A investigação revelou a existência de obras literárias *queer* na coleção da BMS. Estas 37 obras encontram-se integradas na coleção, o que, de acordo com Chapman (2013, p. 547), pode facilitar a ação de descoberta por parte dos leitores: “an integrated collection facilitates serendipitous discoveries, but materials may be more difficult”.

No entanto, entre milhares de títulos, podem reconhecer-se apenas 37 títulos LGBTI+, com recurso à *checklist* restrita de 123 obras clássicas *queer*. É possível que existam outros títulos clássicos e até contemporâneos LGBTI+. Focando-se os títulos identificados, estes podem ser considerados o início de uma coleção mais atenta à diversidade de género.

A BMS já tem acesso a uma coleção base da literatura *queer*, pelo que existe a possibilidade de expandir a coleção atual, efetivamente melhorando o acesso a recursos LGBTI+ para melhor servir a comunidade. No entanto, esta expansão tem de ativamente desenvolver a aquisição de obras recentes e verdadeiramente diversas, como é o caso das obras interseccionais. A diversidade aplica-se à orientação sexual e identidade de género, mas também à representação de diversas raças, etnias, culturas, classes e idade, ou seja, literatura tanto infantojuvenil como adulta. É de extrema importância que os mais novos também tenham acesso a literatura diversificada, até porque “the body of YA literature that has been published in the last decade has seen a significant increase in books with trans and gender nonconforming characters, and has even expanded into the realm of children’s picture books” (Bittner et al, 2016, p. 949). É importante o ensino da diferença e da tolerância no processo formativo das crianças e dos jovens.

Esta expansão revela-se possível devido à “política de aquisições” implementada e devido ao atual estado do mercado literário, sendo este capaz de responder às necessidades de leitura *queer*. Apesar de realizável, aponta-se que apenas a aquisição de *bestsellers* e recomendações por parte dos leitores não são suficientes para garantir a diversidade na coleção da biblioteca.

É necessário relembrar que estamos ainda inseridos numa sociedade que continua a valorizar a literatura branca, heterossexual, masculina e de classe média. Não é fácil ultrapassar hábitos hegemónicos sem que isto seja um objetivo político concreto.

Desta forma, é necessário que quem define as aquisições futuras procure de forma deliberada essa diversidade, promovendo o acesso a materiais LGBTI+, tal como Chapman (2013, p.553) sublinha: “the lack of a stock-purchasing policy that refers explicitly to LGBT materials may lead to inadequate provision”.

Esta diversidade *queer* tem, obrigatoriamente, de ir além da literatura gay, masculina, branca (Hicks e Kerrigan, 2020, p. 1031), a mais fácil de encontrar no mercado. Tem de existir uma vontade em encontrar experiências diferentes e Robinson (2016, p. 165) denota que isto exige uma pesquisa mais aprofundada:

Clearly, collection development in this subject area may not necessarily be achieved via the same methods used for other collections; libraries may need to use smaller presses (...), scour the internet for a few more hours, engage new LGBTQ partners or, explore any number of modern avenues of collection development, in an effort to retrieve suggestions.

Esta pesquisa mais profunda enquadra-se nas atividades de um bibliotecário responsável pelas aquisições (Downey, 2013) mas, de modo a auxiliar essa tarefa, compilou-se uma variedade de fontes, que podem guiar o bibliotecário na aquisição de obras LGBTI+.

Tabela 13: Grelha de recomendações (excerto)

1.1. Aquisição de livros LGBTI+: Livros recentes, com verdadeira representação (ou seja, não só focada na experiência lésbica, gay, branca, de classe média). Livros interseccionais.	1.1. a) Prémios Lambda, que têm várias categorias, incluindo <i>non-fiction</i> . Disponível em https://lambdaliterary.org/awards/
	1.1. b) <i>Reviews</i> da Lambda de livros LGBTI+ que saem recentemente, dando a possibilidade de averiguar se o livro em questão é de qualidade. Disponível em https://lambdaliterary.org/lambda-literary-review/
	1.1. c) Prémios Stonewall, que apesar de serem mais restritivos em categoria, dão opções para infantojuvenil, adultos e <i>non-fiction</i> . Disponível em https://www.ala.org/rt/rrt/award/stonewall/

	honored
	1.1. d) A bibliografia sugerida para uma coleção <i>queer</i> portuguesa da biblioteca QueerIST, a única fonte portuguesa que contém obras queer de diversos géneros e para diversas idades, em português, inglês e espanhol. Disponível em https://queerist.tecnico.ulisboa.pt/blog/publicacoes/
	1.1. e) Possível utilização do <i>Goodreads</i> . Há listas feitas por utilizadores de livros LGBTI+ que são atualizadas e votadas pela comunidade. Algumas listas até se focam em títulos de anos específicos.
	1.1. f) Possível utilização do <i>TikTok</i> , de modo a ver o que é famoso na literatura LGBTI+ atualmente. Estas opiniões vêm dos leitores em si. No entanto, nem todos os livros que se encontram na discussão dos utilizadores do <i>TikTok</i> estão traduzidos em português, levando o seu tempo.

Fonte: Elaboração própria.

Os prémios internacionais dedicados à literatura LGBTI+ são as fontes bibliográficas mais reconhecidas: os Lambda Literary Awards demonstram ser os prémios com mais categorias representantes, tanto dos géneros literários como da diversidade LGBTI+, enquanto os Stonewall Book Awards contêm menos categorias e menos finalistas, mas as obras que integram ambos os prémios tendem a ser as mesmas.

Os Lambda Literary Awards podem, no entanto, conter títulos de livros que nunca chegam a ser traduzidos para português, não entrando no nosso mercado de publicações. Por outro lado, oferecem também uma página dedicada a críticas literárias de obras *queer* que vão sendo publicadas, e estas críticas podem ser cruciais para as aquisições da biblioteca.

De cariz nacional, a bibliografia criada pela QueerIST, com o apoio da Biblioteca da Almada pode ser igualmente utilizada pela BMS, já que a bibliografia foi

criada com o propósito de auxiliar o desenvolvimento de coleções *queer* nas bibliotecas públicas.

Estas ferramentas foram criadas para que os bibliotecários não tenham de realizar pesquisas intensivas acerca do que adquirir para a sua biblioteca. No entanto, a exploração de espaços *online* e das suas comunidades dedicadas à leitura seriam também uma possível ferramenta e um modo de aprendizagem.

O *Goodreads* da Amazon junta leitores pelo mundo fora e as suas bibliotecas pessoais. Para além de conter avaliações de livros, é um espaço onde a exploração de géneros literários e temáticas é possível, através da criação de listas. Estas listas podem ser organizadas por ano, pelo que um bibliotecário, com intenção de adquirir literatura *queer* recente, não teria problema em encontrá-la.

Noutro formato, a aplicação *TikTok* tem uma reconhecida comunidade dedicada à leitura (*booktok*), que promove títulos recentes e conferindo-lhes uma rápida popularidade, o que poderá significar um aumento das possibilidades de vir a existir uma tradução para português. A exploração do *TikTok* para adquirir obras *queer* para a coleção da biblioteca é, no entanto, problemática, porque apesar de haver uma grande parte da comunidade que se foca na diversidade LGBTI+, os títulos com mais popularidade tendem a focar-se na experiência gay, masculina e branca.

Com o acesso a estas diversas fontes de apoio, desenham-se caminhos para a criação de uma coleção verdadeiramente diversa na BMS e em qualquer biblioteca pública portuguesa.

4.2. Futuros Serviços - Discussão, Recomendações e Fontes de Apoio

Sendo a BMS uma biblioteca pública portuguesa, é natural a configuração de um ambiente propenso à aprendizagem. No caso português, este tipo de ambiente tende a utilizar uma decoração mais sóbria, que não crie qualquer tipo de distração e que leve ao foco nos estudos.

Esta realidade contrasta com o que a literatura científica anglo-americana recomenda para criar um ambiente mais acolhedor para a comunidade LGBTI+, isto é, menciona-se o uso de posters ou mensagens, que demonstrem que a biblioteca é um lugar seguro para a comunidade LGBTI+ (Drake e Bielefield, 2017, p. 166; Bain, 2022).

Tabela 14: Grelha de recomendações (excerto)

2.1 Ambiente: Melhoramento do ambiente da biblioteca, de modo a expressar apoio à comunidade LGBTI+.	2.1.1 Bandeira LGBTI+ (arco-íris). Exibida na sala de leitura ou hasteada, se possível.
--	---

Fonte: Elaboração própria.

Tendo em conta que algumas celebrações *queer* são realizadas também em Portugal, conduzindo, por exemplo, algumas entidades públicas a exibirem a bandeira LGBTI+ (a bandeira arco-íris) - como aconteceu em Maio de 2022 no Dia Internacional contra a Homofobia, Transfobia e Bifobia, na Câmara Municipal de Lisboa e no palácio de São Bento – a BMS poderia adotar o mesmo compromisso, mesmo que meramente simbólico, constituindo um ato de apoio à comunidade LGBTI+.

A inexistência de uma casa de banho neutra ou a falta de sinalética neutra em organizações públicas é ainda dominante na sociedade portuguesa. No entanto, a existência de neutralidade no acesso a casas de banho é essencial para a comunidade LGBTI+ se sentir confortável num espaço público:

Libraries can also be more welcoming to transgender patrons and other marginalized groups (such as patrons with disabilities who require assistance in the bathroom) by posting statements to the effect that individuals are welcome to use whichever bathroom they feel most comfortable using, caregivers and guardians are free to use either bathroom as needed, and harassment of others in their use of the bathroom is unacceptable. (Drake e Bielefield, 2017, p, 165)

A inclusão de uma casa de banho neutra ou a adição do símbolo trans (♿) deveria ser considerada em futuras alterações dos espaços da BMS, até porque demonstraria que a biblioteca pública, como espaço público, é um lugar seguro para *todos*, não apenas para toda a comunidade LGBTI+. No entanto, é reconhecido que a sua aplicação pode ser complicada. Drake e Bielefield (2017, p. 165) sugerem que “at a minimum, libraries should offer gendered bathrooms that remain unlocked and free for all to use”.

A terminologia utilizada pelo sistema da biblioteca aquando da criação do cartão de leitor também não segue qualquer regra de neutralidade, o que pode tornar qualquer processo de transição em curso por parte de um utilizador mais doloroso. Apontada nos estudos de Beiriger e Jackson (2007) e Drake e Bielefield (2017), a questão da terminologia neutra em documentos é algo sensível para a comunidade trans: “Of all

library adaptations, only one item was of greater significance to non-binary transgender individuals (...) who indicated it was key to their comfort that libraries remove the use of Mr. and Ms. from all library communications” (Drake e Bielefield, 2017, p.166).

Sendo o cartão de cidadão necessário para a criação do cartão de leitor, e tendo este apenas os géneros binários (feminino e masculino) e o nome de nascimento, são ignorados a fluidez de género ou o processo de transição dos utilizadores, o qual ainda pode não se ter concretizado na atualização dos documentos oficiais. As limitações do programa utilizado podem criar situações de desconforto, mas de momento inevitáveis. Num momento futuro de reconfiguração do programa informático de suporte, pode procurar-se garantir que o leitor tem toda a liberdade em escolher o seu género e o seu nome.

Por outro lado, a exibição de livros LGBTI+ mostra-se, provavelmente, como a forma mais fácil de alterar o ambiente da biblioteca pública para acomodar a comunidade *queer*. A literatura menciona o limiar “mínimo” de esforço com a criação de uma exibição LGBTI+ no mês de junho (Robinson, 2016, p. 165). Com o levantamento realizado acerca das obras *queer* que existem na biblioteca, apesar de datadas, é possível criar este produto.

Tabela 15: Grelha de recomendações (excerto)

2.1 Ambiente: Melhoramento do ambiente da biblioteca, de modo a expressar apoio à comunidade LGBTI+.	2.1.2 Exibição de livros LGBTI+, por exemplo nos meses com dias de celebração LGBTI+, nos quais poderiam existir exposições com temas mais específicos. Assim haveria exposições destes livros o ano inteiro. Poder-se-ia criar outros temas para as exposições. No entanto, é necessário uma boa e diversa coleção de livros LGBTI+ na biblioteca.
--	---

Fonte: Elaboração própria.

No entanto, a opção mais adequada seria inserir obras *queer* em quaisquer exposições de livros que existam na biblioteca, respondendo a qualquer temática escolhida (Robinson, 2016, p. 165). Para isto acontecer, é necessário que a BMS expanda a sua coleção, como acima mencionado, para que haja diversidade de livros *queer*, para todos os gostos.

No que toca ao espaço da BMS, a sua disponibilidade para quaisquer eventos promovidos por entidades ou pessoas da comunidade é a base perfeita para que, no futuro, a comunidade LGBTI+ se encontre mais vezes na biblioteca pública e que usufrua dos serviços que esta tem para oferecer. Apesar de poder haver impedimentos, no caso de alguma chefia não concordar com o uso da biblioteca para certas atividades, a possibilidade de sugestão dessas atividades está em aberto.

Sabendo-se que a BMS não incluiu, em 2022, eventos dentro da temática LGBTI+, recomenda-se que a brochura da RRT, ABERTA A TODAS AS PESSOAS: Servir a comunidade LGBTI na sua Biblioteca (2020), seja uma fonte de apoio para futuros eventos.

Tabela 16: Grelha de recomendações (excerto)

2.2 Eventos.	2.2.1 Tornar a celebração de dias LGBTI+ parte do plano de eventos da biblioteca todos os anos.	<p>2.1.1 a) A brochura em Português da RRT tem uma variedade de exemplos destes dias a celebrar e eventos específicos a organizar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dia da visibilidade trans (31 de março) • Dia da visibilidade lésbica (26 de abril) • Dia internacional contra a homofobia, a transfobia e bifobia (17 de maio) • Mês de Orgulho LGBTI (junho) • Revolta de Stonewall - Marco Histórico para o Movimento LGBTI (28 de junho) • Dia da Visibilidade Bi (23 setembro) • Dia do Coming Out (11 de outubro) • Spirit Day - Dia contra o Bullying LGBTI (20 de outubro) • Dia da Consciência Intersexo (26 de outubro) • Dia Mundial de Luta contra a Sida (1 de Dezembro)
--------------	---	---

Fonte: Elaboração própria.

Os dias a celebrar apresentados na referida brochura não esgotam todas as celebrações e dias comemorativos *queer* existentes, mas são os mais populares e que facilmente se enquadram na dinâmica da biblioteca, através de atividades direcionadas a

todas as faixas etárias. Wexelbaum (2019, p. 117) dá um exemplo de uma atividade familiar que se pode realizar na biblioteca, com frequência e fora destes dias especiais: “Public library events such as “Drag Queen Story Hour” and LGBTIQ+ children’s literature for a broad audience have begun to normalize queer bodies in the library”.

O foco em incluir grupos familiares é importante não só para alcançar famílias arco-íris - “Collaborative partnerships offer a wonderful opportunity for libraries to reach children and caregivers in rainbow families.” (Naidoo, 2015, p. 3) - mas também para assegurar o ensino da diversidade e o respeito por esta.

Esta promoção de eventos não tem de ocorrer apenas sob a responsabilidade da equipa da BMS, pois apesar das fontes de apoio indicadas, podem não se sentir confortáveis ou suficiente informados para organizar eventos de temática LGBTI+. É neste aspeto que colaborações com organizações LGBTI+ são cruciais.

Tabela 17: Grelha de recomendações (excerto)

2.3 Colaborações com organizações LGBTI+.	2.3 Possíveis <i>workshops</i> com associações LGBTI+, de modo a ajudar a trabalhar com a comunidade LGBTI+ e os seus recursos. Estes <i>workshops</i> poderiam abordar assuntos como linguagem inclusiva, literatura LGBTI+, tanto adulta como infantil, possíveis atividades na biblioteca que incentivem a diversidade de públicos, incluindo LGBTI+, etc.
---	---

Fonte: Elaboração própria.

Estas colaborações têm várias vantagens. A biblioteca tem a oportunidade de trabalhar de perto com peritos na área, não só oferecendo eventos dinâmicos e enriquecedores à sua comunidade (*queer* ou não), mas também passando por um processo de aprendizagem (Mehra e Braquet, 2006, p. 18). É através destas colaborações que os bibliotecários passam a ganhar conforto em assuntos *queer* e passam a saber lidar com os utilizadores *queer*, que necessitam da sua ajuda, com confiança (Vincent, 2015, p. 293).

Sabendo que os bibliotecários encarregues do atendimento no balcão da BMS já se sentem abertos e confortáveis com qualquer pedido de ajuda com temática *queer*, também se pôde verificar que não existe um conhecimento alargado acerca da temática, nem dos títulos LGBTI+ que a coleção da biblioteca disponibiliza. Pelo histórico negativo de tais pedidos, pode presumir-se que a comunidade da BMS não se sente

confortável em pedir qualquer tipo de ajuda nesta temática, quiçá devido ao estigma e à discriminação ainda existente relativamente à comunidade LGBTI+. Apesar dos avanços legislativos, a violência de ódio não diminuiu, tornando-se mais visível. A literatura anglo-americana assinala este medo: “In most cases, however, people are still afraid to approach librarians and ask them for help locating LGBTIQ content” (Wexelbaum, 2015, p. 209). A literatura revela que a discriminação da comunidade LGBTI+ por parte dos profissionais da informação é ainda uma realidade (Acevedo-Polakovich et al, 2011; Drake e Bielefield, 2017), apesar de lidarem com o direito ao acesso à informação. Com isto em mente, frisa-se a importância do estabelecimento de colaborações e da frequência de *workshops* fora da biblioteca, para que o atendimento ao público LGBTI+ seja ainda melhor.

A existência de uma lista com organizações especializadas e os seus contactos seria outra forma de melhorar o serviço de atendimento no balcão. A biblioteca pública tem a oportunidade de se tornar a ligação crucial entre pessoas e serviços exteriores, criando-se uma verdadeira rede de apoio. De acordo com Beiriger e Jackson (2007) e Waite (2013, p. 50) “it would be good policy for public libraries to have a regularly updated list of websites which provide sound information on a variety of trans and gender identity issues” e outros assuntos LGBTI+ para quem deles necessite.

A verdade é que poucas são as bibliotecas públicas que se encontram conscientes da existência destas organizações e dos seus materiais (Robinson, 2016, p. 169), pelo que se decidiu reunir uma lista de organizações portuguesas para apoio à comunidade *queer*.

Tabela 18: Grelha de recomendações (excerto)

2.4 Lista de Sites LGBTI+ <i>Friendly</i> .	2.4.1 Sites com informação útil e crucial para a comunidade LGBTI+, familiares e amigos portugueses.	2.4.1 a) ILGA Portugal Disponível em https://ilga-portugal.pt/ .
		2.4.1. b) Rede <i>Rex Aequo</i> As páginas mais importantes encontram-se disponíveis em https://www.rea.pt/ . https://www.rea.pt/apoio/ . https://www.rea.pt/ . https://www.rea.pt/guia-trans/ .

		2.4.1. c) TransMissão Disponível em https://transmissao.pt/ .
		2.4.1. d) It Gets Better Portugal Disponível em https://itgetsbetter.pt/ .
		2.4.1. e) Opus Diversidades Disponível em https://opusdiversidades.org/ .
		2.4.1. f) Casa Qui Disponível em https://www.casa-qui.pt/ .
		2.4.1. g) CIG – LGBT Disponível em https://www.cig.gov.pt/area-lgbti/enquadramento/ .

Fonte: Elaboração própria.

Idealmente, esta lista de recursos deveria encontrar-se disponível no balcão de atendimento, caso houvesse algum pedido de ajuda, mas a BMS também tem de garantir que estes *sites* se encontram acessíveis nos seus computadores, já que existe um histórico de bloqueamento de fontes LGBTI+, sendo apresentadas, erradamente, como impróprias (Wexelbaum, 2015, p. 208).

Outro tipo de acesso aos recursos informacionais LGBTI+ seria através da sinalização das obras *queer* existentes na coleção da biblioteca. A atual coleção contém poucos títulos, meramente 37, mas estes existem e podem passar despercebidos como sendo *queer*, o que acontece com mais frequência do que desejado, já que bibliotecas públicas não tendem a publicitar estes recursos: “Sadly, not every school or public library decides to promote recommended LGBTIQ resources through their websites, even if their resources sit on their shelves waiting for readers” (Wexelbaum, 2015, pp. 209-210).

Com os títulos já reconhecidos, a BMS poderia atualizar os seus registos no catálogo para sinalizar que estão devidamente identificados como LGBT ou LGBTI+.

Como já antes mencionado, no momento da investigação, não existia nenhum livro no catálogo *online* da biblioteca com cabeçalho de assunto *queer*, algo comum noutros sistemas, como reportado na literatura científica (Chapman, 2006; Goldthorp, 2007). A sua introdução auxiliaria na navegação do catálogo e no acesso a estas obras.

Tabela 19: Grelha de recomendações (excerto)

2.5 Sinalização de recursos LGBTI+.	2.5.1 Catálogo: Criar uma <i>tag</i> LGBTI+ / LGBT para os livros com tal representação.
	2.5.2 Biblioteca: Lista bibliográfica LGBTI+ dos livros presentes na coleção da biblioteca.

Fonte: Elaboração própria.

No entanto, se a biblioteca disponibilizasse, possivelmente *online*, uma lista de livros LGBTI+ existentes na sua coleção, tornariam público o acolhimento da comunidade LGBTI+. Infelizmente, a BMS não tem atualmente um *site* próprio, o que torna esta adaptação impossível de momento.

CONCLUSÃO

A vontade de conhecer o modo de inserção da comunidade LGBTI+ nos produtos e serviços de uma biblioteca pública levou ao estágio de dois meses na Biblioteca Municipal de Sintra.

A investigação prévia baseou-se em fontes anglo-americanas, que apresentaram as linhas orientadoras para a realização deste estudo. Apesar de se conhecer, através da revisão de literatura, uma realidade social e cultural diferente da portuguesa, os objetivos propostos para uma biblioteca pública, que seja capaz de acomodar a comunidade LGBTI+, com as suas necessidades singulares, revelaram-se globais. Na verdade, as questões da igualdade e do respeito pela diversidade constituem uns dos pilares fundamentais da biblioteconomia pública.

O estágio foi uma oportunidade para executar a observação participante, pelo que a investigadora teve a oportunidade de conhecer o funcionamento da BMS de modo a obter as respostas que procurava. A utilização de uma grelha de observação, guiada pelos objetivos retirados da revisão de literatura, foi vital para compilar a informação de forma sucinta. Uma *checklist* original de 123 obras LGBTI+ clássicas ajudou na avaliação dos produtos da biblioteca e uma grelha de recomendações foi redigida no final do estudo de caso, como *feedback* pela informação apreendida e de modo que, no futuro, a BMS possa desenvolver os produtos e os serviços adequados para responder às possíveis necessidades da comunidade LGBTI+.

Dividida, fundamentalmente, na avaliação da coleção e dos serviços, a investigação revelou uma biblioteca pública com as bases necessárias para se tornar um espaço inclusivo da diversidade de género.

A avaliação da coleção revelou somente 37 obras *queer*, entre milhares de outros títulos, a qual devido à falta de atualização, se pode caracterizar como datada e sub-representativa da comunidade LGBTI+. Está focada, maioritariamente, na experiência gay e lésbica, branca, de classe média, com apenas algumas exceções de representação de bissexualidade e diversidade racial. No entanto, esta coleção datada é também de valor histórico e simbólico para a comunidade LGBTI+.

Os serviços existentes não evidenciam uma consideração especial pelas necessidades da comunidade LGBTI+. A falta de conhecimento acerca da comunidade LGBTI+ e das suas necessidades informacionais é ainda uma realidade, pelo que apenas através de colaborações com entidades LGBTI+ nacionais e regionais se pode procurar

incrementar a situação presente. No entanto, o respeito pela comunidade LGBTI+ e as suas necessidades, por parte dos bibliotecários da BMS, é um aspeto fundamental, e que se reflete na forma acolhedora como a investigadora foi recebida na biblioteca e na curiosidade manifestada pelos resultados da investigação.

A perceção geral que se retirou desta investigação foi que a comunidade LGBTI+ não parece integrar as preocupações da BMS no momento. A biblioteca não procura ativamente responder às necessidades deste grupo de utilizadores, sendo estes identificáveis ou não. Os produtos e os serviços que existem resultam de uma dinâmica que não inclui o propósito específico de acolher a comunidade, ainda que não tenha sido evidenciada qualquer forma de exclusão, não obstante a falta de conhecimento sobre a comunidade e as suas necessidades.

Em síntese, procurou reunir-se todas as ferramentas necessárias para melhorar os produtos e os serviços da biblioteca na sua capacidade de resposta a necessidades informacionais *queer*. Estas ferramentas, concretizadas em recomendações e fontes de apoio, dividem-se pela coleção e pelos serviços.

Coleção:

- É necessário efetuar a aquisição de livros recentes, verdadeiramente diversificados, em termos de orientações sexuais, identidades de género, raça, etnia, cultura e classe. Estas futuras aquisições podem ser facilitadas com a ajuda de várias listas de livros *queer* reconhecidas internacionalmente e até com a pesquisa em redes sociais (*Goodreads* e *Tiktok*).

Serviços:

- O ambiente acolhedor da biblioteca pode ser melhorado com a exibição da bandeira LGBTI+, especificamente em dias de celebração *queer*, e através da inserção de literatura *queer* em exposições de livros, distribuídas ao longo do ano.
- A biblioteca pode incluir eventos que visem celebrar a comunidade LGBTI+, também distribuídos ao longo do ano, com a ajuda da brochura da RTT: ABERTA A TODAS AS PESSOAS: Servir a comunidade LGBTI na sua Biblioteca (2020), que contém exemplos de celebrações possíveis de ocorrer na biblioteca pública.

- No entanto, admite-se que o melhor seria começar por eventos colaborativos entre a BMS e as organizações LGBTI+, de modo a auxiliar os bibliotecários.
- Os bibliotecários de referência poderiam estar preparados para ajudar qualquer pessoa LGBTI+ que procure apoio, com a existência de uma lista de *websites queer* portugueses. Entre os *websites* apresentados como hipóteses, destacam-se a ILGA Portugal e a Rede Rex Aequo.
- Por fim, recomenda-se a sinalização dos recursos LGBTI+ para facilitar o acesso a estes por parte da comunidade, sem que os leitores tenham a necessidade de pedir ajuda a um bibliotecário, caso não se sintam confortáveis. Sugere-se a adição de um cabeçalho de assunto *queer* (LGBT ou LGBTI+) no catálogo *online* da BMS para os livros indicados e, se possível, a criação de uma bibliografia destes mesmos livros, disponibilizada *online*.

Com esta investigação, apesar de se resumir a um estudo de caso e a um contacto presencial com a duração de apenas dois meses, estabeleceu-se um ponto de partida acerca do que as bibliotecas públicas portuguesas podem fazer no sentido da aproximação à comunidade LGBTI+. Assim, a importância deste estudo inédito centra-se no conhecimento da relação entre as bibliotecas públicas e a comunidade LGBTI+, ainda que, naturalmente, os resultados obtidos não possam ser generalizados, tendo apenas sentido dentro do contexto estudado. A mesma proposta de investigação poderia aplicar-se a outras bibliotecas públicas, distribuídas pelo território nacional, de modo a criar-se uma imagem mais completa da situação.

Por outro lado, seria importante também estudar a comunidade LGBTI+ portuguesa em si e perceber quais as suas necessidades informacionais, o que procura quando entra numa biblioteca pública, o que não encontra, como é recebida. Deste modo se poderia trilhar uma linha de investigação mais consistente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acevedo-Polakovich, I. D., Bell, B., Gamache, P., & Christian, A. S. (2013). Service Accessibility for Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Questioning Youth. *Youth & Society*, 45(1), 75–97. <https://doi.org/10.1177/0044118X11409067>.
- Advocate. (2018, junho 15). *The 25 Best Classic LGBTQ+ Novels of All Time*. <https://www.advocate.com/books/2018/6/15/25-best-lgbt-novels-all-time>.
- Agee, J. (2005). Collection evaluation: A foundation for collection development. *Collection Building*, 24, 92–95.
- Agência Lusa. (sem data-a). *Câmara de Lisboa volta a hastear bandeira arco-íris no Dia contra a Homofobia*. Observador. Obtido 15 de fevereiro de 2023, de <https://observador.pt/2022/05/17/camara-de-lisboa-volta-a-hastear-bandeira-arco-iris-no-dia-contra-a-homofobia/>.
- Agência Lusa. (sem data-b). *Costa hasteia bandeira arco-íris em São Bento no Dia contra a Homofobia*. Observador. Obtido 15 de fevereiro de 2023, de <https://observador.pt/2022/05/17/costa-hasteia-bandeira-arco-iris-em-sao-bento-no-dia-contra-a-homofobia/>.
- Alexander, L. B., & Miselis, S. D. (2007). Barriers to GLBTQ collection development and strategies for overcoming them. *Counterpoise*, 11(3/4), 73.
- Allen, B., & Hessick, K. (2011). *The classroom environment: The silent curriculum..*
- American Library Association. (2007a, maio 29). *Access to Library Resources and Services Regardless of Sex, Gender Identity, Gender Expression, or Sexual Orientation: An Interpretation of the Library Bill of Rights* [Text]. Advocacy, Legislation & Issues. <https://www.ala.org/advocacy/intfreedom/librarybill/interpretations/accesslgbt>.
- American Library Association. (2007b, julho 30). *Interpretations of the Library Bill of Rights* [Text]. Advocacy, Legislation & Issues. <https://www.ala.org/advocacy/intfreedom/librarybill/interpretations>.
- American Library Association. (2016, dezembro 12). *Stonewall Book Awards* [Text]. Round Tables. <https://www.ala.org/rt/rrt/award/stonewall>.
- American Library Association. (2021, setembro 8). *Bibliographies* [Text]. Round Tables. <https://www.ala.org/rt/rrt/bibliographies>.
- American Library Association Rainbow Round Table. (2020). *ABERTA A TODAS AS PESSOAS: Servir a Comunidade LGBTI na Sua Biblioteca* (A. Macedo, Trad.). https://blx.cm-lisboa.pt/wp-content/uploads/2020/12/aberta-a-todas-as-pessoas_brochura_web.pdf.

- Bain, A. L. (2022). Queer affordances of care in suburban public libraries. *Emotion, Space and Society*, 45, 100923.
- Banks, W. P. (2009). Literacy, Sexuality, and the Value(s) of Queer Young Adult Literatures. *The English Journal*, 98(4), 33–36. JSTOR.
- Barnes & Noble. (sem data). *Classics of LGBT Fiction, LGBT Fiction, Books*. Barnes & Noble. Obtido 23 de março de 2022, de https://www.barnesandnoble.com/b/books/lgbt-fiction/classics-of-lgbt-fiction/_/N-29Z8q8Z10m4.
- Beiriger, A., & Jackson, R. M. (2007). An Assessment of the Information Needs of Transgender Communities in Portland, Oregon. *Public Library Quarterly*, 26(1–2), 45–60. https://doi.org/10.1300/J118v26n01_03.
- Betts-Green, D. (2020). «We Could Do Better»: Librarian Engagement in LGBTQ Collection Development in Small and Rural Public Libraries in the Southern U.S. *PUBLIC LIBRARY QUARTERLY*, 39(6), 510–536. <https://doi.org/10.1080/01616846.2020.1737493>.
- Bittner, R., Ingrey, J., & Stamper, C. (2016). Queer and trans-themed books for young readers: A critical review. *Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education*, 37(6), 948–964. <https://doi.org/10.1080/01596306.2016.1195106>.
- Blackburn, M. V., Clark, C. T., & Nemeth, E. A. (2015). Examining queer elements and ideologies in LGBT-themed literature: What queer literature can offer young adult readers. *Journal of Literacy Research*, 47(1), 11–48.
- Brendler, B., Beckman, L., Adkins, D., Moulaison, H., Wiggins-Prelas, N., & Adams, V. (2017). « Provide the Highest Level of Service»: Public Library Collections of LGBTQ· Materials for Adolescents in the United States. *Journal of Research on Libraries and Young Adults*, 8(1), 1–32.
- Brown, M. F., & Lilton, D. L. (2019). Finding The “B” in LGBTQ+: Collections and Practices that Support the Bisexual and Pansexual Communities. Em B. Mehra (Ed.), *LGBTQ+ Librarianship in the 21st Century: Emerging Directions of Advocacy and Community Engagement in Diverse Information Environments* (Vol. 45, pp. 143–165). Emerald Publishing Limited. <https://doi.org/10.1108/S0065-283020190000045013>.
- Chapman, E. (2007). Separate versus integrated collections for GLBT fiction in the public library service: A literature review. *Retrieved May, 28(2012)*, 564.
- Chapman, E. (2013). No More Controversial than a Gardening Display? Provision of LGBT-Related Fiction to Children and Young People in UK Public Libraries. *LIBRARY TRENDS*, 61(3), 542–568. <https://doi.org/10.1353/lib.2013.0010>.
- Chapman, E., & Birdi, B. (2008). Fiction for all. *Public Library Journal*, 23(1), 8–11.

- Chapman, E., & Birdi, B. (2016). "It's woefully inadequate": Collections of LGBTQ* fiction for teens in English public library services. *Journal of Research on Libraries and Young Adults*, 7(1).
- Chapman, E. L. (2014). "I've never really thought about it": Librarians' attitudes to the provision of LGBT-related fiction to children and young people in English public libraries.
- Cooper, D. M. (2014). Rainbow flags and donor tags: Queer materials at the pride library. *InterActions: UCLA Journal of Education and Information Studies*, 10(2).
- Curry, A. (2005). If I ask will they answer? Evaluating public library reference service to gay and lesbian youth. *REFERENCE & USER SERVICES QUARTERLY*, 45(1), 65–75.
- Day, S. (2013). Libraries as LGBTIQ venues. *Gay and Lesbian Issues and Psychology Review*, 9(1), 46.
- Downey, J. (sem data). *LGBT Materials and Collection Development: The Good, the Bad, and the Ugly*.
- Downey, J., Antell, K., & Strothmann, M. (2013). Self-censorship in selection of LGBT themed materials. *Reference and User Services Quarterly*, 53(2), 104–107.
- Drake, A. A., & Bielefield, A. (2017). Equitable access: Information seeking behavior, information needs, and necessary library accommodations for transgender patrons. *Library & Information Science Research*, 39(3), 160–168. <https://doi.org/10.1016/j.lisr.2017.06.002>.
- European Union Agency for Fundamental Rights. (2014, outubro 21). *EU LGBT survey—European Union lesbian, gay, bisexual and transgender survey—Main results*. European Union Agency for Fundamental Rights. <http://fra.europa.eu/en/publication/2014/eu-lgbt-survey-european-union-lesbian-gay-bisexual-and-transgender-survey-main>.
- European Union Agency for Fundamental Rights. (2020, maio 12). *A long way to go for LGBTI equality*. European Union Agency for Fundamental Rights. <https://fra.europa.eu/en/publication/2020/eu-lgbti-survey-results>.
- Floegel, D., & Costello, K. L. (2019). Entertainment media and the information practices of queer individuals. *Library & Information Science Research*, 41(1), 31–38. <https://doi.org/10.1016/j.lisr.2019.01.001>.
- Goldthorp, J. (2007). Can Scottish public library services claim they are socially inclusive of all minority groups when lesbian fiction is still so inaccessible? *JOURNAL OF LIBRARIANSHIP AND INFORMATION SCIENCE*, 39(4), 234–248. <https://doi.org/10.1177/0961000607083215>.

- Goodwin, G. (2018). *A helping hand for queer & questioning youth—provision for young LGBTIQ people in Irish public libraries.*
- Greenblatt, E. (2005). Exploring LGBTQ Online Resources. *Journal of Library Administration*, 43(3–4), 85–101. https://doi.org/10.1300/J111v43n03_08.
- Guyan, K. (2021). Diversity Monitoring in the Library: Categorisation Practices and the Exclusion of LGBTQ Library Users. *International Journal of Information, Diversity and Inclusion*, 5(4), 6–20. Scopus. <https://doi.org/10.33137/IJIDI.V5I4.36022>.
- Hicks, P., & Kerrigan, P. (2020). An intersectional quantitative content analysis of the LGBTQ plus catalogue in Irish public libraries. *JOURNAL OF LIBRARIANSHIP AND INFORMATION SCIENCE*, 52(4), 1028–1041. <https://doi.org/10.1177/0961000619898212>.
- Hill, H., & Avenue, H. (sem data). *State and Provincial Representatives*. 32.
- Howard, V. (2005). Out of the closet... But not on the shelves. *Progressive Librarian*, 25, 62–75.
- IFLA. (sem data). *IFLA Code of Ethics for Librarians and other Information Workers (full version) – IFLA*. Obtido 4 de abril de 2022, de <https://www.ifla.org/publications/ifla-code-of-ethics-for-librarians-and-other-information-workers-full-version/>.
- IFLA & UNESCO. (2022). *Manifesto da IFLA-UNESCO para as Bibliotecas Públicas 2022* (DGLAB, Trans.). IFLA/UNESCO. http://bibliotecas.dglab.gov.pt/pt/ServProf/Documentacao/Documents/Manifesto_IFLA_PT_2022.pdf
- ILGA EUROPE. (2023). *2022 Annual Review of the Human Rights Situation of Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex People in Europe and Centra Asia*. <https://www.ilga-europe.org/report/annual-review-2023/>.
- ILGA Portugal. (2019). *Relatório Anual 2019 Discriminação Contra Pessoas LGBTI+*. 57.
- ILGA Portugal. (2020, junho 2). *ILGA Portugal | Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo*. <https://ilga-portugal.pt/>.
- It Gets Better Portugal. (sem data). *O Projeto*. 7. Obtido 7 de abril de 2022, de <https://itgetsbetter.pt/sobre-nos/o-projeto>.
- Jaeger, P., & Sarin, L. (2016). The Politically Engaged Public Library: Admitting and Embracing the Political Nature of Libraries and Their Goals. *PUBLIC LIBRARY QUARTERLY*, 35(4), 325–330. <https://doi.org/10.1080/01616846.2016.1245005>.
- Keilty, P. (2007). LGBT and Information Studies: The Library and Archive OUTreach Symposium at UCLA; and In the Footsteps of Barbara Gittings: An

- Appreciation. *InterActions: UCLA Journal of Education and Information Studies*, 3(1). <https://doi.org/10.5070/D431000592>.
- Kidd, D. C., & Castano, E. (2013). Reading literary fiction improves theory of mind. *Science*, 342(6156), 377–380.
- Lambda Literary. (sem data). *Previous Winners*. Lambda Literary. Obtido 1 de março de 2022, de <https://lambdaliterary.org/awards/previous-winners-3/>.
- Lewis, A. (2014). *Questioning library neutrality: Essays from progressive librarian*. Library Juice Press, LLC.
- Lundin, A. H. (1989). List-Checking in Collection Development. *Collection Management*, 11(3–4), 103–112. https://doi.org/10.1300/J105v11n03_06.
- Mathiesen, K. (2015). Informational justice: A conceptual framework for social justice in library and information services. *Library Trends*, 64(2), 198–225.
- McCleary, M. A., & Widdersheim, M. M. (sem data). *Gender and sexuality, self-identity, and libraries: Readers' advisory as a technique for creative (dis) assembly*.
- McEachreon, B. (2016). Libraries «coming out» in support of LGBTQIA+ human rights and social justice. *Advances in Librarianship*, 41, 183–208. <https://doi.org/10.1108/S0065-283020160000041032>.
- Mehra, B. (2019). What is “LGBTQ+” information? Interdisciplinary connections. *Advances in Librarianship*, 45, 15–47. <https://doi.org/10.1108/S0065-283020190000045002>.
- Mehra, B., & Braquet, D. (2006). A “queer” manifesto of interventions for libraries to “come out” of the closet! A study of “queer” youth experiences during the coming out process. *LIBRES: Library and Information Science Research Electronic Journal*, 16(1), 1–29.
- Mehra, B., & Braquet, D. (2007). Library and information science professionals as community action researchers in an academic setting: Top ten directions to further institutional change for people of diverse sexual orientations and gender identities. *LIBRARY TRENDS*, 56(2), 542–565.
- Moss, E. (2008). An inductive evaluation of a public library GLBT collection. *Collection Building*, 27(4), 149–156. Scopus. <https://doi.org/10.1108/01604950810913715>.
- Naidoo, J. C. (2013). Over the rainbow and under the radar: Library services and programs to LGBTQ families. *Children & Libraries*, 11(3), 34.
- Naidoo, J. C. (2015). *Access to a world of rainbow family children's books via partnerships and programs: Suggestions for library outreach to LGBT family associations*.

- Naidoo, J. C. (2018). A rainbow of creativity: Exploring drag queen storytimes and gender creative programming in public libraries. *Children and Libraries*, 16(4), 12–22.
- Olito, F. (sem data). *20 of the most important LGBTQ novels to read this Pride Month*. Insider. Obtido 23 de março de 2022, de <https://www.insider.com/important-lgbtq-books-everyone-must-read-2020-4>.
- Penguin Random House. (sem data). *The Ultimate LGBTQIA+ Pride Book List | Penguin Random House*. PenguinRandomhouse.Com. Obtido 23 de março de 2022, de <https://www.penguinrandomhouse.com/the-read-down/the-ultimate-book-list-for-pride-month/>.
- Pruitt, J. (2016). LGBT Literature Courses and Questions of Canonicity. *College English*, 79(1), 81–105.
- Rainbow Europe. (sem data). *Rainbow Europe*. Obtido 31 de março de 2022, de <https://rainbow-europe.org/>.
- rede ex aequo. (sem data-a). *Apoio*. Apoio e recursos | rede ex aequo - associação de jovens lgbti e apoiantes. Obtido 7 de abril de 2022, de <https://www.rea.pt/apoio/>.
- rede ex aequo. (sem data-b). *Educacao*. Projecto Educação LGBTI | rede ex aequo - associação de jovens lgbti e apoiantes. Obtido 1 de março de 2022, de <https://www.rea.pt/educacao/>.
- rede ex aequo. (sem data-c). *Home*. rede ex aequo - associação de jovens lgbti e apoiantes. Obtido 1 de março de 2022, de <https://www.rea.pt/>.
- rede ex aequo. (sem data-d). *Literatura-lgbti*. Literatura LGBTI | rede ex aequo - associação de jovens lgbti e apoiantes. Obtido 1 de março de 2022, de <https://www.rea.pt/literatura-lgbti/>.
- Robinson, A. (2020, fevereiro 20). *Silence In The Library: Finding LGBT stories in the library catalogue*. Stonewall. <https://www.stonewall.org.uk/about-us/news/silence-library-finding-lgbt-stories-library-catalogue>.
- Robinson, T. (2016). Overcoming Social Exclusion in Public Library Services to LGBTQ and Gender Variant Youth. *PUBLIC LIBRARY QUARTERLY*, 35(3), 161–174. <https://doi.org/10.1080/01616846.2016.1210439>.
- Schrader, A. M. (2007). “I Thought I’d Find Myself at the Library”: LGBTQ Services & Collections in Public and School Libraries. *PNLA QUARTERLY*, 72(1), 4.
- Schrader, A. M. (2009). *Challenging silence, challenging censorship, building resilience: LGBTQ services and collections in public, school and post-secondary libraries*.

- Snapp, S. D., Watson, R. J., Russell, S. T., Diaz, R. M., & Ryan, C. (2015). Social support networks for LGBT young adults: Low cost strategies for positive adjustment. *Family Relations*, 64(3), 420–430.
- Stevens, G. (2018). Curry's Study on the Quality of Public Library Reference Service to LGBTQ Youth. *EVIDENCE BASED LIBRARY AND INFORMATION PRACTICE*, 13(1), 57–63. <https://doi.org/10.18438/eblip29399>.
- The Publishing Triangle. (sem data). Best Lesbian and Gay Novels. *The Publishing Triangle*. Obtido 23 de março de 2022, de <https://publishingtriangle.org/best-lesbian-gay-novels/>.
- Vincent, J. (2015). Why Do We Need to Bother? Public Library Services for LGBTQI People. *LIBRARY TRENDS*, 64(2), 285–298. <https://doi.org/10.1353/lib.2015.0050>.
- Waite, J. (2013). To what extent do public libraries in the UK provide adequate resources for trans people. *Sheffield: University of Sheffield*.
- Waterstones. (sem data). *Pride / Waterstones*. Obtido 23 de março de 2022, de <https://www.waterstones.com/campaign/pride>.
- Wexelbaum, R. (2019). The Reading Habits and Preferences of LGBTIQ+ Youth. *The International Journal of Information, Diversity, & Inclusion (IJIDI)*, 3(1), Art. 1. <https://doi.org/10.33137/ijidi.v3i1.32270>.
- Wexelbaum, R. S. (2015). *Censorship of online LGBTIQ content in libraries*.
- Wong, P., Figueroa, M., & Cardenas-Dow, M. (2018). Diversity, equity of access, and social justice. *Information services today: An introduction*, 52–68.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Grelha de observação

Categorias		Realidades Observadas	Evidências
<i>Coleção da BMS</i>	1.1 Diversidade de recursos informacionais LGBTI+ no catálogo online da BMS.	1.1 a) Pequeno número de recursos informacionais, de possível caracterização LGBTI+, disponíveis.	1.1 a) Comparando o catálogo online da BMS com uma lista de obras ficcionais pioneiras (1886-2002), de entre 123 obras reconhecidos, a BMS contém 37, em formato de livro tradicional, com 73 exemplares, com 9 destes indisponíveis. Tanto quando é possível saber, estes exemplares encontram-se entre a restante coleção da BMS.
	1.2 Política de aquisições com referências a recursos LGBTI+.	1.2 a) As aquisições baseiam-se em livros bestsellers atuais e recomendações/pedidos de leitores.	1.2 a) Na observação de lista de livros a serem comprados, ao se reconhecer vários títulos e autores famosos atuais (especialmente em redes sociais focadas em livros), é possível deduzir que a aquisição de títulos LGBTI+ populares (desde que traduzidos para português) não seria problemático. No entanto, é necessário que a pessoa encarregue de tais aquisições procure incluir especificamente estes livros.
<i>Serviços da BMS</i>	2.1 Ambiente convidativo para a comunidade LGBTI+.	2.1.1 Decoração inclusiva.	2.1.1 a) Decoração neutra na sala de leitura.

		2.1.2 Casa de banho neutras.	2.1.2 b) Casas de banho binárias.	2.1.2 b) As casas de banho são identificadas como sendo femininas ou masculinas, e utilizam a sinalética hegemónica.
		2.1.3 Utilização de terminologia neutra.	2.1.3 a) Utilização de terminologia binária e hegemónica.	2.1.3 a) Criação do cartão de leitor: géneros femininos ou masculino, apenas. Não existe a opção de inserir/escrever o género.
		2.1.4 Exibições de livros LGBTI+.	2.1.4 a) Sem existência de exibições de livros LGBTI+.	2.1.4 a) No momento de observação havia apenas duas exibições de livros: Recomendados e Leituras às Escuras. Parece improvável que alguma vez tenha existido uma exibição de livros LGBTI+.
		2.1.5 Espaço aberto a seminários/eventos LGBTI+.	2.1.5 a) Espaço aberto a seminários/eventos LGBTI+.	2.1.5 a) Desde que o evento se encaixe no ambiente da biblioteca (por exemplo: clubes de livros LGBTI+), o evento pode realizar-se, tendo de ser aceite por todas as chefias.
		2.2 Eventos LGBTI+.	2.2 a) Sem ocorrências.	2.2 a) No plano de eventos da BMS para 2022, não existe nenhum evento da biblioteca ou externo relacionado com a comunidade LGBTI+ e as suas temáticas, nem mesmo no mês de Junho, o <i>Pride</i> .
	2.3 Projetos com associações LGBTI+.	2.3 a) Sem ocorrências.	2.3 a) Estes projetos seriam representados no plano de eventos da BMS, e como não existem eventos LGBTI+ no plano de 2022, assume-se que não existam quaisquer projetos com estas importantes associações.	

	2.4 Atendimento personalizado em recursos LGBTI+.	2.4 a) Disponível, mas sem ocorrências até ao momento de investigação.	2.4 a) Bibliotecários em atendimento ao público sentem-se confortáveis em responder a inquéritos sobre recursos LGBTI+, apesar de não ter havido nenhum pedido nesta temática. Pensa-se que os leitores preferem procurar estes recursos por si próprios, do que ir ao balcão.
	2.5 Disponibilidade de informação útil à comunidade LGBTI+.	2.5 a) Inexistente.	2.5 a) Não aplicável.
	2.6 Listas de livros/Bibliografias LGBTI+.	2.6 a) Inexistente.	2.6 a) Não aplicável.

Apêndice 2 – Checklist “Clássicos Queer”

Nº	“Clássicos Queer”	Nº	“Clássicos Queer”
1	Giovanni’s Room, James Baldwin (1956)	63	Brideshead Revisited, Evelyn Waugh (1945)
2	Another Country, James Baldwin (1962)	64	Other Voices, Other Rooms, Truman Capote (1948)
3	The Color Purple, Alice Walker (1982)	65	Lover, Bertha Harris (1976)
4	The Price of Salt / Carol, Patricia Highsmith (1952)	66	Théresè and Isabelle, Violette Leduc (1966)
5	Orlando, Virginia Woolf (1928)	67	Riverfinger Women, Elana Nachman (1974)
6	Cartas íntimas a Vita Sackville-West, Virginia Woolf	68	The Memoirs of Hadrian, Marguerite Yourcenar (1951)
7	Mrs. Dalloway, Virginia Woolf (1925)	69	Billy Budd, Herman Melville (1924)
8	Maurice, E. M. Forster (1971)	70	The Member of the Wedding, Carson McCullers (1946)
9	Middlesex, Jeffrey Eugenides (2002)	71	The Autobiography of Alice B. Toklas, Gertrude Stein (1933)
10	The Line of Beauty, Allan Hollinghurst (2004)	72	The Bostonians, Henry James (1886)
11	Rubyfruit Jungle, Rita Mae Brown (1973)	73	Bastard Out of Carolina, Dorothy Allison (1992)
12	Zami, Audre Lorde (1982)	74	The Heart Is a Lonely Hunter by Carson McCullers (1940)
13	Sister Outsider, Audre Lorde (1984)	75	The Swimming Pool Library, Alan Hollinghurst (1988)
14	A Single Man, Christopher Isherwood (1964)	76	Aquamarine, Carol Anshaw (1992)
15	The City and The Pillar, Gore Vidal (1948)	77	Chéri, Colette (1920)
16	Myra Breckinridge, Gore Vidal (1968)	78	The Turn of the Screw, Henry James (1898)
17	The Picture of Dorian Gray, Oscar Wilde (1890)	79	Women in Love, D. H. Lawrence (1920)

18	City of Night, John Rechy (1963)	80	The Friendly Young Ladies (The Middle Mist), Mary Renault (1944)
19	Stone Butch Blues, Leslie Feinberg (1993)	81	Young Törless, Robert Musil (1906)
20	Tales of The City, Armistead Maupin (1978)	82	Eustace Chisholm and the Works, James Purdy (1967)
21	A Boy's Own Story, Edmund White (1982)	83	The Story of Harold, Terry Andrews (1974)
22	The Married Man, Edmund White (2000)	84	The Gallery, John Horne Burns (1947)
23	A Beautiful Room is Empty, Edmund White (1988)	85	Sister Gin, June Arnold (1975)
24	Well of Loneliness, Radclyffe Hall (1928)	86	Ready to Catch Him Should He Fall, Neil Bartlett (1990)
25	The Danish Girl, David Ebershoff (2000)	87	Father of Frankenstein, Christopher Bram (1995)
26	Death in Venice, Thomas Mann (1912)	88	Naked Lunch, William Burroughs (1959)
27	Oranges Are Not The Only Fruit, Jeanette Winterson (1985)	89	The Young and Evil, Charles Henri Ford and Parker Tyler (1932)
28	Written on The Body, Jeanette Winterson (1992)	90	A Visitation of Spirits, Randall Kenan (1989)
29	The Passion, Jeanette Winterson (1987)	91	Three Lives, Gertrude Stein (1909)
30	The Hours, Michael Cunningham (1998)	92	Concerning the Eccentricities of Cardinal Pirelli, Ronald Firbank (1926)
31	A Home at the End of the World, Michael Cunningham (1990)	93	Rat Bohemia, Sarah Schulman (1995)
32	Tipping The Velvet, Sarah Waters (1998)	94	The Counterfeiters, André Gide (1925)
33	Fingersmith, Sarah Waters (2002)	95	La Bâtarde, Violette Leduc (1964)
34	Affinity, Sarah Waters (1999)	96	Death Comes for the Archbishop, Willa Cather (1927)
35	Faggots, Larry Kramer (1978)	97	Special Friendships, Roger Peyrefitte (1943)
36	Edinburgh, Alexander Chee (2001)	98	Paradiso, José Lezama Lima (1966)
37	Olivia, Dorothy Strachey (1949)	99	Les Guerilleres, Monique Wittig (1969)
38	Nightwood, Djuna Barnes (1936)	100	The Child Manuela (Mädchen in Uniform), Christa Winsloe (1933)
39	Our Lady of The Flowers, Jean Genet (1943)	101	An Arrow's Flight, Mark Merlis (1998)
40	The Charioteer, Mary Renault (1953)	102	The Gaudy Image, William Talsman (1958)
41	The Persian Boy, Mary Renault (1972)	103	Was, Geoff Ryman (1992)

42	The Friendly Young Ladies, Mary Renault (1944)	104	Closer, Dennis Cooper (1989)
43	To The Friend Who Did Not Save My Life, Hervé Guibert (1990)	105	Miss Peabody's Inheritance, Elizabeth Jolley (1983)
44	Dancer from The Dance, Andrew Holleran (1978)	106	René's Flesh, Virgilio Piñera (1952)
45	The Immoralist, André Gide (1902)	107	Mrs. Stevens Hears the Mermaids Singing, May Sarton (1965)
46	The Lost Language of Cranes, David Leavitt (1986)	108	Sea of Tranquillity, Paul Russell (1994)
47	Patience and Sarah, Isabel Miller (1969)	109	In Thrall, Jane DeLynn (1982)
48	In Search of Lost Time, Marcel Proust (1913)	110	On Strike Against God, Joanna Russ (1980)
49	Confessions of a Mask, Yukio Mishima (1949)	111	Sita, Kate Millett (1977)
50	Advise and Consent, Allen Drury (1959)	112	Annie On My Mind, Nancy Garden (1982)
51	The Rules of Attraction, Bret Easton Ellis (1987)	113	The Object of My Affection, Stephen McCauley (1987)
52	A Room in Chelsea Square, Michael Nelson (1969)	114	Other Women, Lisa Alther (1984)
53	The Story of The Night, Colm Toibin (1996)	115	Stars in my Pocket Like Grains of Sand, Samuel Delany (1984)
54	Funny Boy, Shyam Selvadurai (1994)	116	The God in Flight, Laura Argiri (1994)
55	The Green Carnations, Robert Hichens (1894)	117	The Lord Won't Mind, Gordon Merrick (1970)
56	Two Serious Ladies, Jane Bowles (1943)	118	Quatrefoil, James Barr (1950)
57	Like People in History, Felice Picano (1995)	119	Nightswimmer, Joseph Olshan (1994)
58	In Awe, Scott Heim (1997)	120	Amnesty, Louise Blum (1995)
59	The Object of my Affection, Stephen McCauley (1987)	121	Hood, Emma Donoghue (1995)
60	Interview with the Vampire, Anne Rice (1976)	122	Curious Wine, Katherine V. Forrest (1983)
61	At Swim, Two Boys, Jamie O'Neill (2001)	123	Paxton Court, Diane Salvatore (1996)
62	Kiss of the Spider Woman, Manuel Puig (1976)		

Apêndice 3 – Grelha de recomendações

Categoria	Recomendações	Fontes de apoio
<p>Coleção</p>	<p>1.1 Aquisição de livros LGBTI+: Livros recentes, com verdadeira representação (ou seja, não só focada na experiência lésbica, gay, branca, de classe média). Livros interseccionais.</p>	<p>1.1 a) Prémios Lambda, que têm várias categorias, incluindo <i>non-fiction</i>.</p> <p>Disponível em https://lambdaliterary.org/awards/.</p>
		<p>1.1 b) <i>Reviews</i> da Lambda de livros LGBTI+ que saem recentemente, dando a possibilidade de averiguar se o livro em questão é de qualidade.</p> <p>Disponível em https://lambdaliterary.org/lambda-literary-review/.</p>
		<p>1.1 c) Prémios Stonewall, que apesar de serem mais restritivos em categoria, dão opções para infantojuvenil, adultos e <i>non-fiction</i>.</p> <p>Disponível em https://www.ala.org/rt/trt/award/stonewall/honored.</p>
		<p>1.1 d) A bibliografia sugerida para uma coleção queer portuguesa da biblioteca QueerIST, a única fonte portuguesa que contém obras queer de diversos géneros e para diversas idades, em português, inglês e espanhol. Disponível em https://queerist.tecnico.ulisboa.pt/blog/publicacoes/.</p>
		<p>1.1 e) Possível utilização do <i>Goodreads</i>. Há listas feitas por utilizadores de livros LGBTI+ que são atualizadas e votadas pela comunidade. Algumas listas até se focam em títulos de</p>

			anos específicos.
			1.1 f) Possível utilização do <i>TikTok</i> , de modo a ver o que é famoso na literatura LGBTI+ atualmente. Estas opiniões vêm dos leitores em si. No entanto, nem todos os livros que se encontram na discussão dos utilizadores do <i>TikTok</i> estão traduzidos em português, levando o seu tempo.
Serviços	2.1 Ambiente: Melhoria do ambiente da biblioteca, de modo a expressar apoio à comunidade LGBTI+.	2.1.1 Bandeira LGBTI+ (arco-íris). Exibida na sala de leitura ou hasteada, se possível.	
	2.1.2 Exibição de livros LGBTI+, por exemplo nos meses com dias de celebração LGBTI+, onde poderiam existir exposições com temas mais específicos. Assim haveria exposições destes livros o ano inteiro. Poder-se-ia criar outros temas para as exposições. No entanto, é necessário uma boa e diversa coleção de livros LGBTI+ na biblioteca.		
	2.2. Eventos.	2.1.1. Tornar a celebração de dias LGBTI+ parte do plano de eventos da biblioteca todos os anos.	A brochura em Português da RTT tem uma variedade de exemplos destes dias a celebrar e eventos específicos a organizar: <ul style="list-style-type: none"> • Dia da visibilidade trans (31 de março) • Dia da visibilidade lésbica (26 de abril) • Dia internacional contra a homofobia, a transfobia e bifobia (17 de maio) • Mês de Orgulho LGBTI (junho) • Revolta de Stonewall - Marco Histórico para o Movimento LGBTI (28 de junho)

			<ul style="list-style-type: none"> • Dia da Visibilidade Bi (23 setembro) • Dia do Coming Out (11 de outubro) • Spirit Day - Dia contra o Bullying LGBTI (20 de outubro) • Dia da Consciência Intersexo (26 de outubro) • Dia Mundial de Luta contra a Sida (1 de dezembro)
	2.3 Colaborações com organizações LGBTI+.	Possíveis workshops com associações LGBTI+, de modo a ajudar a trabalhar com a comunidade LGBTI+ e os seus recursos. Estes workshops poderiam abordar assuntos como linguagem inclusiva, literatura LGBTI+ tanto adulta como infantil, possíveis atividades na biblioteca que incentivem diversidade de público incluindo LGBTI+, etc.	
	2.4. Lista de Site LGBTI+ Friendly.	2.3.1. Sites com informação útil e crucial para a comunidade LGBTI+, familiares e amigos portugueses.	2.3.1. a) ILGA Portugal Disponível em https://ilga-portugal.pt/ .
			2.3.1. b) Rede <i>Rex Aequo</i> As páginas mais importantes encontram-se disponíveis em https://www.rea.pt/ . https://www.rea.pt/apoio/ . https://www.rea.pt/saude/ . https://www.rea.pt/guia-trans/ .
2.3.1. c) TransMissão			

			Disponível em https://transmissao.pt/ .
			2.3.1. d) It Gets Better Portugal Disponível em https://itgetsbetter.pt/ .
			2.3.1. e) Opus Diversidades Disponível em https://opusdiversidades.org/ .
			2.3.1. f) Casa Qui Disponível em https://www.casa-qui.pt/ .
		2.3.1. g) CIG – LGBT Disponível em https://www.cig.gov.pt/area-lgbti/enquadramento/ .	
2.5 Sinalização de recursos LGBTI+.	2.5.1 Catálogo: Criar uma <i>tag</i> LGBTI+ / LGBT para os livros com tal representação.		
	2.5.2 Biblioteca: Lista bibliográfica LGBTI+ dos livros presentes na coleção da biblioteca.		

